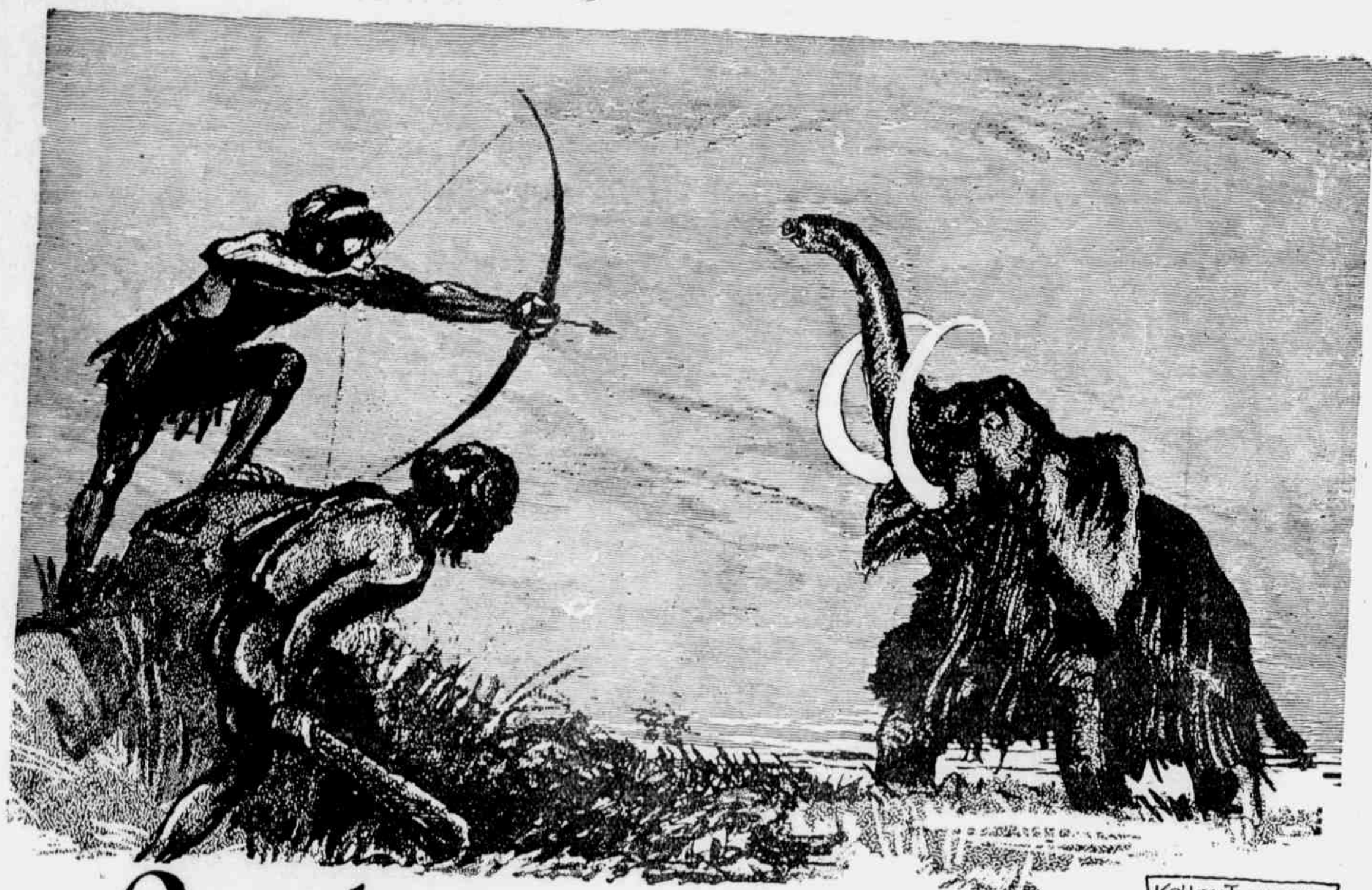
ANNO XIV N° 682

1$500

PARA TODOS

RIO DE JANEIRO 9 - JAN. - 1932

KOHOUT NEW YORK

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

O Quarto Rei Mago

(Fim)

gritos de coruja, mostravam os dentes amarellados como espinhos e, debaixo dos gorros de doninhas, os pequenos olhos faiscavam como punhaes. Eram Huns, montados em cavallos, animaes que o rei jamais vira.

Depois de um rapido combate, o rei e o seu sequito foram aprisionados, amarrados e levados, cada um entre

duas sellas, os lamas guiados pela ponta das lanças, trotavam desordenadamente, e o viveiro vergava-se sobre os passaros assustados.

Os prisioneiros foram conduzidos á presença de Ourougoulou, o Khan do grande bando. Via-se, de muito longe, erguendo montes de terra no horizonte nu como uma mesa, a silhueta do campo.

Um fosso o contornava, assim como uma sebe que mostrava uma fileira de cabeças espetadas em mastros. Uma porta se abria entre duas pyramides de craneos.

E uma aléa orlada de suppliciados levava ao tribunal supremo.

Era armado com pellos estufados e arcos de madeira de onde pendiam as armas. Ao fundo, Ourougoulou, com uma tiara de zibelina preta, uma campainha ao alto e uma corôa de porco-espinho, o dorso couraçado de escamas de pangolin, as pernas cobertas por uma saia de caudas de cavallo tintas em varias cores.

Tinha perto delle os principaes tenentes, arripiados como lobos e os feiticeiros, com capacetes de pennas de pavão e chifres de yack.

Todos exhalavam um cheiro horrivel.

Quando approximaram os captivos, o Khan ordenou que desamarrassem Motocapac afim de que pudesse se ajoelhar diante delle. Mas, como o rei continuasse de pé, cortou-lhe a cabeça com um unico golpe de yatagan.

Os cem criados tiveram a mesma sorte. Depois, os lamas e os passaros, até o menor colibri, foram degolados, pellados ou dependurados, e mettidos no espeto.

A' noite, serviram o banquete sobre um tapete de pelles de rato. Todos os chefes foram convidados e cada conviva tinha, em frente, o corpo de um dos indios mantido por uma estaca e a cabeça sobre os joelhos.

Lampadas de gordura illuminavam as trevas com chammas nauseabundas. Musicos tocavam enormes tambores e sopravam em flautas de osso que pareciam lamentos de creanças. Começaram bebendo leite de jumenta. Depois, quando estavam bem cheios, mandaram vir aguardente de cevada e a embriaguez foi geral.

Então, Ourougoulou teve a idéa de dar de beber ao cadaver de Motocapac. Logo, todos os cavalleiros, com gargalhadas que rugiam como uma descarga e estalavam como mil açoites, estenderam as taças aos mortos.

Mas esses pareciam vel-os. Cada um pegou a cabeça com as duas mãos, collocou-a sobre os hombros e deu um passo á frente. E, emquanto os Huns conservavam-se immoveis diante do prodigio, os passaros sahiam das boccas e voavam alegremente. Um furacão varreu o campo durante a noite. E Motocapac se encontrou rodeado dos seus creados, junto dos lamas resuscitados, atrellados ao viveiro e ao carro sem rodas, no meio do deserto vazio.

Como o céo estivesse puro, o ar calmo e a estrella muito brilhante, elle se poz em marcha, cantando uma velha canção das suas florestas perfumadas.

Retomara pacientemente o caminho das caravanas, em busca de um mundo tão longinquo que os annos passavam sem que elle o attingisse.

Constantemente, quadrilhas de gatunos o assaltavam, com armas nas mãos.

Mas o ar, em torno delle, parecia uma couraça de vidro onde se arrebentavam os golpes.

Atravessava lagos de gelo, atolava em pantanos, percorria paizes dizimados pela peste onde o solo só continha ossadas e pedras.

Precisava, então, quando algum oasis lhe offerecia o asylo dos seus

V I T R I N A

HA uma hora, apenas uma hora para vindimar a vinha; de manhã, a uva está acida; de tarde, muito assucarada. Não percamos os dias nem chorando o passado, nem o futuro. Vivamos as horas, os minutos. As alegrias são flores que a chuva vae desbotar ou que vão se desfolhar ao vento...

Remy de Gourmont

RENE' PUAUX faz no "Temps" de Paris um resumo da historia do theatro lettoniense. O nascimento do theatro nacional na Lettonia data de 1860. Allunans, "o pae do theatro Lettoniense", organizou as primeiras companhias, escreveu peças, educou os artistas. Entre as suas numerosas comedias "Kaz tie tadi, Kaz dziedaga" (Quaes são os que cantaram sem sol?) é um melodrama ingenuo cuja acção se passa na Courlandia no tempo da servidão. O successor de Allunans, Janis Rainis, um socialista fervoroso, escreveu um immenso drama allegorico "O cavallo de ouro". Essa obra de Rainis domina até hoje o theatro da Lettonia. Um outro autor dramatico, R. Blaumanis, é sobretudo conhecido como autor de um drama rustico "Iudrani".

A Lettonia possue um theatro de arte, o "Dailes Teatris", cujo fundador, E. Smilgis, se inspira na orientação reformadora de Reinhardt e de Gemier. "Supprimiu a rampa, escreve Puaux, emprega as escadas de estylo, as luzes lateraes, os projectores coloridos"... Na ultima estação um jovem autor, V. Zoubergs, fez representar a primeira parte da sua trilogia, consagrada á vida do grande duque Jacques de Courlande. Cada acto dessa peça é precedido de um quadro vivo. Um outro autor, A. Saulietis, deu um "Rei Saul" que é uma peça psychologica, habilmente construida.

Os classicos estrangeiros são muito representados nos theatros da Lettonia, principalmente: Calderon, Molière, Beaumarchais, Schiller, Goldoni, Victor Hugo, Musset, Ibsen, Aristophane.

E' inutil fechar os olhos e dizer: "A Russia? não a conheço e portanto ella não existe". O avestruz, mettendo a cabeça debaixo da asa, não supprime o caçador.

Jean Allary

O jovem romancista allemão Hermann Kesten publicou, no "Berliner Tageblatt", um longo estudo sobre escriptores e movimentos literarios, do qual tiramos este trecho:

"O grande escriptor importa mais do que todos os movimentos literarios. Pois o homem existe, o movimento é uma ficção. Comtudo, mesmo o major escriptor não poderá escapar ao movimento leterario dominante ou a uma das grandes modas literarias, pois a moda literaria é o espirito da época, o dialecto da época, sua dialectica, o adorno da fórma da "vida moderna". Aquelle que escapar a esse modernismo, será excedido pois só póde imitar. Aquelle que se entrega completamente, distróe-se ao mesmo tempo que elle. Não se poderá falar aos homens numa linguagem que não seja a delles, que não seja a linguagem do dia. Mas aquelle que só emprega a linguagem do dia, desapparece com o dia".

Para todos...

Directores
Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º
End. telegr.: "Paratodos"
Telephone: 2-9654

O caracterisco do genio é mudar sempre, sob a influencia de um impulso interior e não por motivos exteriores que obrigam os artistas sem originalidade a imitar o estylo dos outros. Quem conhece toda a vida de Rembrandt, de anno a anno, vê a unidade das suas mudanças de technica.

Hermann Voss

NAS excavações e buscas que se procedem activamente na Italia acabam de descobrir na igreja de Miglianico innumeros frescos do seculo XIV, quasi todos representando a Virgem com o Menino Jesus e São João Baptista. Em Pola, desenterraram uma urna funeraria da época romana e, na demolição de uma casa, o humbral e a parte superior de uma porta de construcção romana. Em Trieste, na basilica de São Justo, encontraram uma columna ornada com um capitel, do seculo V. Essas descobertas mostram o grãu de actividade, na Italia, dos trabalhos archéologicos e das buscas artisticas.

O que chamam **vicio** é eterno; o que chamam **virtude** é simplesmente uma moda.

Bernard Shaw

QUEM conhece New York apenas não julgue que conhece os Estados Unidos da America do Norte. Num artigo escripto pelo senhor Alain Petit, que acaba de visitar toda a grande nação norte americana, diz elle: "New York, que é o campo de experiencias americano, quasi exclusivo, dos pesquisadores europeus apressados, não é a America. Em New York ha mais estrangeiros do que nacionaes: é a maior cidade judia do mundo; a maior cidade catholica; é igualmente a maior cidade negra, a maior cidade irlandeza, a segunda cidade italiana, a terceira cidade allemã".

O habito não faz o monge, mas facilita muitas coisas. Em geral, a gente escuta com attenção um senhor bem posto, mas despacha logo uma visita que se apresenta com um terno usado.

Jean Bernard

SAM JOE CONTOU

O rei negro de Burma vae visitar a pequena escola que, em Portstown, a secca Miss Mark dirige com autoridade e franqueza. As alumnas estão preparando embrulhos com soberbos laços de fita rosa e sua Magestade fica intrigada:

— Que é isso? pergunta ella, laconica.

— Pequenos presentes, Magestade, que as nossas alumnas vão enviar á nossa querida rainha Mary — que Deus conserve ao lado do rei George — pelo seu anniversario.

— E por que, Miss Mark, não celebram tambem o meu anniversario? pergunta Sua Magestade com avidez.

— Teremos muito prazer em festejal-o se Vossa Magestade quizer apenas nos dizer a data abençoada do vosso nascimento.

— Terça-feira, Miss, diz o rei, todas as terças-feiras.

Dentes
como um fio de Perolas
Escovar os dentes com a pasta ODOL e empregar ao mesmo tempo o liquido ODOL é transformar a dentadura num fio de Perolas.
A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol“ penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dentif
Odol
Frasco grande

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

TOSSE ? BROMIL

O homem de óculos escuros

Theodemiro Tostes

O seu ponto de vista eram os oculos escuros com graduação de microscopio. Vinha daí seu pessimismo irremediavel. E a dimensão excessiva que tomavam em seus olhos os defeitos minimos do proximo.

Aquele tipo era um perigo. Um perigo social igual á gripe e outras epidemias de após-revolução. Limitava os problemas mais complexos ao estreito raio visual do seu ponto de vista. E bispava os misterios mais ocultos com uma chispada de suas lentes.

— Homem, o mundo é uma pinoia. A humanidade de hoje não é melhor que a de ontem. Toda ela é piór. O progresso é uma coisa discutivel como a inteligencia do papagaio e das mulheres. E o mundo gira sempre em redor de si-mesmo, como um cãozinho atraz do rabo.

Nada ha novo sob o sol, meu caro. Eu adoto com o maximo prazer esta opinião milenaria. Mas acho a vida admiravel, apezar de repetir-se. Porque eu sou como estes homens esquisitos que o senhor sabe, capazes de escutar a vida inteira a mesma valsa na vitrola, achando-a sempre admiravel.

O homem do ponto de vista enfumaçado limpou o mesmo no lenço. E depois de montá-lo, novamente no narigão vermelho, me confessou com azedume:

— A vida é admiravel porque esvasia a minha bilis. Si ela não fosse má, si a humanidade fosse boa, onde iria eu gastar o meu estoque de fel? Acabaria devorando-me a mim-mesmo ou, então, morrendo simplesmente por uma auto-intoxicação.

E' necessario, meu amigo, que os homens tenham seus defeitos pra que nunca me falte o material de laboratorio.

...Eu olhava o crepusculo da tarde clara de janeiro. Aquela festa de côres, sempre nova, feerizando o céu lá no fundo da rua. E tive pena, muita pena do homem de oculos escuros, encaramujado no seu mundo côr de bilis sem horizontes e sem luz.

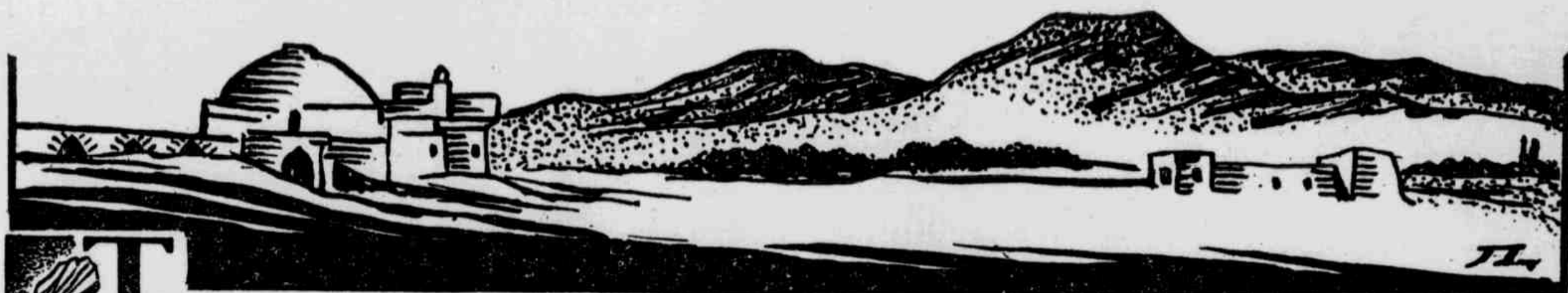
OUTRA ESTATUA NO CORCOVADO 2 VEZES MAIOR Q. A DE CHRISTO

REPORTAGEM DE CARLOS LACERDA E CORREIA DIAS

CASO da Semana foi o Indio do Corcovado. A descoberta divulgada por "Para todos...", na reportagem de Carlos de Lacerda e Correia Dias, levou os olhos de toda a terra carioca para a montanha. Mas a reportagem continúa. O escriptor e o pintor andam procurando novos detalhes da extranha esculptura que só agora foi vista pela cidade inteira, mas, que existe lá, ha seculos, e que muita gente velha conhecia desde pequena... No proximo numero virão coisas sensacionaes. Por hoje, com os retratos dos dois autores, têm os nossos leitores uma photographia tirada de avião, na qual apparece o Indio, visto do outro lado do Corcovado; ao fundo a Lagôa Rodrigo de Freitas, o prado do Jockey Club e o Leblon.

NO PAIZ DAS MONTANHAS CINZENTAS

DE ACHMED ABDULLAH

Desenhos de JEAN LÉBÉDÉFF

TOUGLOUK Khan voltava ao seu paiz. Com o grosso paletot reforçado, em pelle de carneiro, dobrado sobre os rins para deixar livre jogo aos pulmões, as mangas arregaçadas até o cotovello e os braços curvos levantando e abaixando cadenciadamente, seguia a longa estrada do norte. Com o caminhar hesitante e desconfiado de montanhez, cansado com a desegualdade do solo, desviava com prudencia as sandalias de sola de corda das folhas escorregadiças cahidas das arvores e dos montes de granito partido; accelerava a marcha quando atravessava alguma vasta planicie de fetos côr de ferrugem atirada como uma echarpe nos coloridos estivaes das collinas; de novo diminuindo na passagem a vau dos rapidos corregos, onde brotavam, entre seixos, tufos de musgo nos tons de topazio e de rubi e, nas margens, verdes fetos, frescos como o vento da primavéra, entre as hortelãs selvagens e perfumadas, a artemisia espinhenta e a genciana com estrellas azues e engommadas.

Deixava para o sudoeste os picos gigantescos e torturados do Himalaya, esse Tecto do Mundo sobre tres grandes paizes: a India ingleza, a China e a Asia Central russa, ligam as fronteiras, trocam mercadorias e mentiras, ás vezes tambem bravatas e rusgas ameaçadoras; caminhava em linha o mais recta que lhe permittia a estrada, para uma aldeia bronzeada plantada no cimo plano de uma montanha que, na lingua do Afghanistão, se chama "a Colera dos Deuses da Ira".

E' lá, entre os rododendros côr de purpura, que os Zakka Khels, a gente da sua tribu natal, encelleirava as magras colheitas e encurralava as cabras hirsutas. Mais abaixo, uma estreita encosta, fenda da cadeia, levava a um segundo cume, que, por uma razão ha muito esquecida, tinha o nome de "Rincho do Cavallo Preto". Lá vivia uma tribu, a dos Momand Khels, antigos inimigos dos Zakka Khels.

Não que houvesse, entre as duas, um desses odios mortaes que exigem olho por olho, dente por dente, vida por vida, tiros de fuzil partindo de emboscadas, facadas ensanguentando a noite, ou mesmo assassinatos de mulheres e de creanças á beira dos regatos onde buscam agua para as refeições.

Essas execrações atavicas convinham ás tribus do norte, visinhas da fronteira indiana, onde os combatentes se contam aos milhões. Mas, entre as altas e asperas montanhas do norte onde a betula magra cresce ao lado do pinheiro definhado, o pinheiro com a neve e a neve com o vento de Allah, as tribus eram fracas, limitando-se a uma centena de familias, e ninguem ganharia com sangrentas discordias, a não ser, talvez, os lobos cinzentos e furtivos e os córvos de vôo circular.

Entretanto, sempre existiu, entre essas tribus, inimisades, brigas rancorosas, ciumes arengueiros e azedos; e nunca fizeram um cruzamento, um casamento que talvez tivesse trazido a paz; ao contrario, quasi sempre, os encontros entre Zakka Khels e Momand Khels davam lugar a uma troca de injurias graves e porcas, a demonstrações encolerizadas, a agitações ameaçadoras de pulsos pelludos, e até a lançamentos de pedras ou de galhos espinhentos.

Tougluok Khan, pensava na sua terra, lembrava-se de certo dia, sete annos antes, uma ou duas semanas antes da sua partida para o sul onde foi se juntar ao exercito do emir em Kaboul. Naquella epoca apenas com quinze annos, embora na montanha o olhassem quasi como um homem, descera ao valle, conduzindo as cabras do pae ás hervas succulentas da primavéra, nas quaes podiam pastar saciadamente. E encontrára uma joven dos Momand Khels, mais moça do que elle alguns annos, que lhe parecera muito bonita com a pelle de bronze dourado, a cabelleira de ebano, os labios de velludo rosa semelhantes a sorvas e os olhos de aço brilhantes e intrepidos. E elle disséra no seu estylo cerimonioso de montanhez:

— "Benjam-i-shouma" ! Pela sua vida e pela minha ! Oh ! Possue uma belleza agradavel aos meus olhos olhar !...

— E a mão agil, respondera ella, e o olho que mira certo !

Em seguida, apanhando uma pedra aguda, atirou-lhe com toda a força ferindo-lhe a testa; depois, subindo, em saltos ageis pelo atalho ingreme ao "Rincho do Cavallo Preto", abrigou-se atraz de um grande rochedo de granito e desfechou uma serie de epithetos que, em desaccordo perfeito com o seu sexo e a sua idade, attestava a raça vigorosa e aggressiva como o gelo attesta o inverno.

Em tons agudos, perguntára-lhe que direito tinha elle, um Zakka Khel, "um embusteiro de sal, animal immundo semelhante ao porco, creatura de origem absolutamente innominavel, quasi Hindu pela ausencia de qualidades nobres, etc.", ousava levantar os olhos para a sombra de uma rapariga dos Momand Khels. E concluira com um ar triumphante:

— Vá ! irmão de desesete cães, volta ao canil, já !

Tougluok Khan ria com essas recordações. Passou a mão pela testa. Lá estava a cicatriz.

— Uma gata selvagem, pensou elle, prompta para arranhar e para morder ! Mas... ai, ai !... Aquelles olhos de aço cinzento... aquelles labios tão rosados !... Agora ella deve ter mais sete annos... Era apenas uma garota...

Pôz-se a meditar que talvez ella já estivesse casada, e deu de hombros. Casada ou não, era uma Momand Khel... Pertencia a uma tribu hostil.

Pela lua seguinte, attingiu as altas montanhas, aspirou a plenos pulmões o ar avivado pelas neves, como para se purificar do mofo da cidade meridional de Kaboul onde acabava de passar sete annos da sua mocidade, primeiro como simples soldado, depois sargento no exercito do emir e onde aprendera a mirar certo, a enfeitar o falar de montanhez com metaphoras temperadas e floridas, a frisar os bigodes e, quando preciso, murmurar doces palavras: "Amanhã, a esta hora, perto do caravançará de Cachemire, oh ! bocca de mel !", para alguma mulher flexivel, velada á moda da cidade, que passasse por perto delle, no bazar, com um clic-clac de argolas de prata nos tornozellos e uma mensagem provocante nos olhos negros.

O serviço no exercito do emir, como voluntario e não conscripto era um costume na tribu dos Zakka Khels, assim como era uma tradição entre os jovens Momand Khels, passar alguns annos percorrendo o Afghanistão como lutadores, e até transpôr as fronteiras occidental ou meridional para se exhibirem na Persia, nas planicies amarellas da India.

Ao contrario dos Zakka Khels, dotados de pequeno esqueleto, mas flexiveis e nervosos, os Momand Khels eram uma raça de gigantes, peitos profundos como tambores e corpos construidos para esmagar e triturar os adversarios. Desde remotas gera-

ções, a arte da luta se transmittia de pae a filhos com uma duzia de artimanhas e de estratagemas, de tal fórma que, em toda a Asia Central, não existiam gladiadores mais celebres nem mais temidos.

Uma ou duas semanas antes — no dia em que Tougiouk Khan deixára Kaboul — encontrára um desses lutadores, um tal Ali Youssef, filho do padre da aldeia Momand Khel.

Seguido por uma turba bajuladora, admiradora e ruidosa de homens da cidade, Ali Youssef descera a rua, fixando o olhar nas mulheres, brincando com a rosa que lhe atirára, uma bailarina da sacada fechada. Elle caminhava orgulhoso, pavoneando-se com uma grande arrogancia. Estava nu, apenas uma tanga minuscula e uma pulseira de ouro, cravejada de brilhantes de um tamanho suspeito, cerrando-lhe o enorme pulso; o torso bronzeado assemelhava-se a uma enorme barrica, fantasticos rolos de musculos almofadavam-lhe os braços e as pernas, as espaduas oscillavam pesadamente á cada passo, a nuca curta como a de um touro se prolongava sem interrupção nem curva numa cabeça conica e tosquiada rente, salvo uma longa mecha preta isolada no alto do craneo.

Mutuamente se reconheceram. Um instante mesmo, pararam e se entreolharam; o odio hereditario e despropositado, inflammara-se nos cerebros, serrára os pulsos do lutador, emquanto que o soldado, mais fraco de corpo, ensaiara um gesto instinctivo para apanhar o punhal curvo preso á cintura.

Depois, cada um seguira o seu caminho.

Inimisade? Sim. Mas não brigas sangrentas entre as duas tribus.

Nessa mesma noite — talvez devesse buscar a illogica razão naquelle encontro, — Tougiouk Khan sentira saudades da patria.

O coração aspirára subito o sabor aspero e frio do Norte. O desejo cahira na sua alma como um tição flammejante e, com a rapida decisão que caracterizava-lhe a raça, foi logo procurar o Koular Aghassi, coronel do regimento.

Koular Aghassi, nobre Durani de grande barriga e barba vermelha, era um juiz sagaz da natureza humana. Sabia que só havia um meio de reter aquelle homem: uma corrente com uma argola presa á perna. Além disso, Tougiouk Khan era um Zakka Khel, um homem livre, e não um rato de esgoto como os conscriptos de Kaboul.

— Vá em paz! disse o coronel. Foste um bom soldado. Tens algum irmão?

— Sim.

— Que idade tem elle?

— Quinze annos, talvez, deseseis.

— Manda-o para o teu lugar no regimento.

— "Houkhoum hai!" E' uma ordem! respondera Tougiouk Khan cumprimentando-o.

Menos de uma hora depois, elle se punha a caminho da sua terra e, ao fim de duas semanas, encontrava-se na estreita encosta que fende as montanhas entre "a Colera do Deus da Ira" e "o Rincho do Cavallo Preto".

Avistava já mais acima as cabanas de pedra da sua tribu. Informes, anãs, espalhadas, achatadas entre as rochas golpeadas, prolongavam-se para o norte como um rasto de fumo cinzento sob a faixa brilhante das neves eternas. Montanhas das mais altas, illuminadas de purpura fantastica, vistas á distancia, projectavam na face inflammada do sol a immensa immobilidade de pedra.

Ia entrar por um atalho em subida para a sua aldeia natal quando ouviu rumor na folhagem, estalar de pequenos galhos e uma voz aguda de pastora: "Woh-oh! Y'ellah! Y'ellah!" E de um bosque de rododendro sahir um rebanho de cabras, seguido por uma rapariga que o conduzia com um aguilhão de espinheiro.

Tougiouk Khan reconheceu-a logo; lembrava-se bem daquelles olhos intrepidos de aço, daquelles labios rosados como sorvas, daquellas mãos frias e fortes.

Sete annos tinham passado e com elles a infancia della. Agora o corpo esbelto promettia desabrochar em plena força feminina sob o vestido de fustão estreito, franjado, listrado de pardo e de ocre que a cobria dos hombros até abaixo do joelho. Pelas fitas azul e açafrão que lhe prendiam os cabellos de ebano, adivinhou, com um curioso transporte de allivio, que ainda não estava casada.

Ella não o reconheceu. Um gorro de pelles enorme e profundamente enterrado occultava-lhe a fronte, e o rosto, coberto por uma barba curta, perdera a adolescencia. Sob o paletot de pelle de carneiro, vestia o uniforme do regimento. Talvez, pensava ella, fosse um desses soldados do emir que fazem recrutamento nas tribus das montanhas. Ella sabia como se portar com essa gente: turbulentos, fanfarrões, sempre promptos para arranjar discussões e cortejar as raparigas.

Por isso levantou o cajado com um ar ameaçador; e Tougiouk se pôz a rir.

— Oh! Hirfa! exclamou elle, parece-me que sete annos não te transformaram. Olha. (Empurrou o gorro para traz e mostrou a cicatriz.) Um dia, me acolheste com pedradas; hoje, tu me recebes a varadas!

Então ella se lembrou e tambem pôz-se a rir.

— Por que deixaste Kaboul? perguntou ella num tom de reprehensão. E' verdade o que dizem?

— Que é que dizem?

— Que desertaste porque o nosso senhor o emir deve partir para a guerra contra os infieis, os inglezes, e que tu preferes perfumar o bigode e fazer o conquistador junto das mulheres do que expôr a tua fina pelle ao vôo das balas.

— Perfeitamente, é verdade! respondeu elle muito tranquillo. Que os lobos cinzentos se batam entre elles. Eu sou um homem pacifico.

— Sem duvida, continuou ella, as raparigas dos Zakka Khels já estão tingindo a palma das mãos com henné para te esperar.

— Aquella por quem eu suspiro não é da minha tribu.

— Ah!

— Não. Não é.

— Quem é, então?

— Uma Momand Khel!

— Oh!...

— Tu mesma, oh! coração de tres rosas.

Na intenção de responder-lhe brincadeira por brincadeira, elle disséra isso rindo. Mas, de repente, com a rapidez de uma chicotada, sentiu que a brincadeira estava nos labios e não no coração. Vendo deante delle aquella vibrante promessa de desabrochamento feminino, a altiva belleza daquelle rosto tão finamente modelado, a maneira arrogante de levantar a cabeça e os movimentos harmoniosos das mãos, comprehendeu que, para elle, a casa onde ella não vivesse seria uma casa vasia. Não se tratava mais de uma mulher como as dos bazares de Kaboul, de qualquer flirt um pouco grosseiro por um beijo logo esquecido. Era o amor, feito para durar toda a vida de um homem e de uma mulher; e a vida era coisa séria... mais séria que a morte.

Deante do inquietante enigma, elle mergulhou em profundo silencio até o momento em que ouviu a voz de Hirfa, que parecia vir de uma grande distancia, com um ligeiro tremor semelhante ao bater de asas de um passaro em pleno vôo.

— "Allah-hadig"! que o Senhor Deus te conduza! Tu disseste muito... ou muito pouco...

— Muito pouco, Hirfa?

— Em Kaboul te cortaram a garganta e por isso não pódes acabar?

Agóra, elle distinguia na vóz não mais o tremor, e sim uma nota alta, triumphal e clara como um choque de laminas bem temperadas.

— Qual dos dois sêres que existem em mim desejas ouvir? perguntou elle lentamente.

— Dos dois?... fez ella um éco, espantada.

— Sim, sou um sêr duplo. Um, é o Zakka Khel, teu inimigo, e o outro, sou eu... Tougiouk Khan, a creatura tal como Deus a fez.

Elle olhou para ella e viu-lhe as mãos apalparem o vestido, agitarem-se inquietas...

— Qual dos dois? perguntou elle com insistencia.

— Fale Tougiouk Khan! respondeu ella com uma voz indistincta.

Então, elle declarou o seu amor, arrebatado por um desses enthusiasmos epicos que inspiram os homens do Afghanistão nos momentos de emoção irresistivel:

— Eu te amo... tu representas a realização de todos os meus sonhos. Quando olho os teus olhos, o sol se eleva para mim, as vagas me trazem o appello do abysmo e o esquife da minha vida se balança sobre as ondas embaladoras da tua. Fizeste do teu coração uma prisão para o meu e atiraste a chave no turbilhão do meu amor eterno.

Estendeu-lhe as mãos.

— Oh! Hirfa!

E os dedos se tocaram.

Beijou-a elle primeiro, ou tomou ella a iniciativa? Nem elle soube, nem ella. Perceberam de repente que se beijavam. O mundo exterior não existia mais para elles. Não havia mais nem céo, nem sol, nem valle, nem Zakka Khel, nem Momand Khel. Nada subsistia além delle e della, um homem e uma mulher que se amavam...

Um grito agudo como o som de uma flauta separou-os tremulos.

— Y'ellah!... Y'ellah!... (Um pastor chamando).

— Amanhã? murmurou ella.

— Amanhã!

— O meu amor é maior do que o teu!

— Não, não! O meu é maior!

— Y'ellah! repetiu o pastor se approximando.

Tougloukk Khan metteu-se pelo atalho que levava á aldeia, e Hirfa reuniu as cabras dispersadas e conduzindo-as ao souto.

Na manhã seguinte elles se encontraram de novo; e assim no outro dia, e ainda no outro...

Só falavam no grande amor de ambos e, no fundo das almas, sentiam-se nas vesperas de attingir alguma maravilha do destino que atiraria uma gloria de ouro e de fogo nas estradas cinzentas e asperas da vida.

Uma manhã, uma hora antes do encontro dos dois, a mãe de Touglouk Khan aconselhou-o a se casar e se estabelecer.

— Bem vês, meu filho, teu pae morreu — possa elle entrar no paraiso! — e tu és, agora, o chefe da familia. Entre as Zakka Khels, não ha um rapariga que não se sinta feliz em ouvir os teus passos na porta do quarto nupcial.

Elle encarava o futuro com Hirfa: propôz-lhe fugir com elle e casarem-se. Ella abanou a cabeça.

— Não, não!

— Creança! nem a tua tribu, nem a minha permittirão o nosso casamento.

— Eu sei.

— Bem vês então que devemos partir.

— Não, não!

— Que poderemos fazer a não ser isso?

E como não obtivesse resposta elle continuou:

— Ha outros paizes, ao norte e a leste, onde encontraremos meios de vida. Eu sou soldado e... "hayah"!... bom soldado. Entrarei para o serviço no exercito do emir de Boukhara ou de um dos chefes turcomanos independentes que eram atravez das steppes da Siberia, ou...

— Tenho o meu avô, interrompeu ella. Tu sabes, os meus paes morreram e sou a unica creatura que lhe resta no mundo. Elle me fez as vezes de pae e de mãe. Amo-o.

— Mais do que a mim? perguntou elle, enciumado.

— Nem mais, nem menos; mas, de uma maneira differente. Elle está velho. Não posso estraçalhar-lhe o coração.

— Estraçalhas o meu...

— Tu és mais moço e mais forte do que elle.

— Mais moço? Sem duvida. Porém, mais forte... pelos pellos do porco vermelho! talvez nem tanto!

Semelhante foi o commentario mental do avô de Hirfa, Aminullah Khan, que se occultára numa moita de "gourgouseh", a pouca distancia dos amorosos.

Durante a semana anterior, elle se espantára com a pressa quotidiana da neta em levar para a pastagem o rebanho; achava tambem extranho que ella tomasse sempre o longo e ingreme atalho descendo ao valle, em vez de ficar no cume da montanha onde começavam a verdejar as hervas do estio, tardias e succulentas. Por isso, naquella manhã, Aminullah Khan, ainda agil, apesar da idade, seguira-a; dissimulára-se de maneira a poder vêr e ouvir e, agóra, um sorriso banhava o seu rosto enrugado e barbudo.

Elle não se parecia com o resto dos Momand Khels. Na mocidade fôra tido como o melhor lutador da geração, ainda hoje, cincoenta annos depois, falavam nas suas proezas: narrativas fantasticas, homericas, incriveis, mas perfeitamente verdadeiras.

Viajára até mais longe do que qualquer outro Momand Khel. Conhecia Bombay, Pekin, Stamboul e Moscou; ganhára não só uma fortuna em ouro, mas tambem uma riqueza de idéas novas, uma concepção da vida mais ampla e mais justa. Mas, quando procurou explicar aos da sua tribu essa sabedoria de acquisição recente, chocou-se contra um muro de arame. Aquelles montanhezes, typicos na obstinação da estreitesa da idade media, pareciam enfeitiçados, arrastados numa torrente de tradições e de superstições, cheios de vento, num circulo magico que nenhuma força podia romper. Fatigado de se vêr accusado de conversão ás idéas estrangeiras e de esquecimento aos velhos costumes, terminou por calcar no fundo delle mesmo as suas maneiras de pensar.

Tambem, hoje, o seu velho coração, exultou quando viu a neta, ossos dos seus ossos, e carne da sua carne, escolher um Zakka Khel, isto é, se revoltar contra as leis fantasticas e retrogradas da tribu, tal como elle se rebellára cincoenta annos atraz.

O seu primeiro impulso foi sahir e gritar-lhes:

— "Mbarak m'sud"! Sejam felizes e abençoados! Vae com este homem, já que o amas!

Mas pôz-se a reflectir.

Fugindo juntos, Touglouk Khan e Hirfa quebrariam certamente a cadeia dos antigos preconceitos, mas sómente no que concernia a elles. Haveria falatorio, escandalo e colera nas duas aldeias. Depois, no fim de algum tempo, Zakka Khels e Momand Khels voltariam á rotina petrificada da tola superstição como si nada se tivesse passado.

E Aminullah Khan sonhava tirar partido do amor dos dois jovens para acabar de uma vez para sempre com as inimisades entre as tribus. Ficaria espreitando a occasião para agir. Foi assim que elle obteve como lutador as victorias mais memoraveis, pondo-se na expectativa, observando os pontos fracos dos adversarios, para se precipitar em seguida numa acção perfeitamente coordenada dos musculos e do cerebro. E o ponto fraco na armadura da gente da sua tribu, era — coisa estranha — o respeito ás leis da montanha. E nisso, mais uma probabilidade se apresentava para elle. Sahiu a passos rapidos do esconderijo e tomou o atalho que conduzia á aldeia. Meia hora depois qundo Hirfa entrou na casa baixa de pedras, elle a acolheu com mais affecto do que nunca. Beijou aquella que, ha annos, elle chamava de sua mulherzinha:

— "Mahi-aloum soz-i-moun"! Oh! lua do mundo, incendiaria do meu coração!

A occasião esperada não tardou. No dia seguinte, Ali Youssef, filho de Mortazou, padre da aldeia, chegou de Kaboul. A tanga estava cheia de ouro e a bocca de narrativas veridicas dos seus successos, de tal forma que os velhos exclamavam que — pelos dentes de Allah! — nunca tão grande lutador se revelára entre os Momand Khels, á excepção de um unico, o gigante de barba branca, que, naquella noite, arvorava um sorriso divertido e sardonico, assistindo os festejos em honra de Ali Youssef.

Esse tinha uma alma simples um pouco bovina. Em Kaboul usava o costume tradicional e restricto de lutador de tribu, e na terra natal, vestia as roupas coloridas de dandy cidadino. Com as pontas dos dedos pintadas a henné vermelho, um volumoso turbante purpura na cabeça, o enorme corpo perfumado com oleo de geranium e sobre os hombros um "Khalat" de velludo flor de pecego, guarnecido com um desenho persa complicado.

Elle sentia uma immensa e ingenua satisfação. Depois de presidir ao esplendido banquete de

cabra gorda truffada e assada inteira num brazeiro ao ar livre, mettêra as mãos vastas e generosas num sacco de pelle de tigre e distribuira em torno presentes de toda especie e para todo o mundo: punhaes para os rapazes, fumo e cachimbos da Persia para os velhos, bonbons e bonecas indianas para as creanças, e para as mulheres, uma profusão de sedas, perfumes e joias de filigrana.

— "Manda na bash"! Possam os seus pés nunca se fatigarem, nem os seus corações, oh! meus amigos! exclamou elle.

E ria, ás gargalhadas...

— "Haï! Haï"!

Emquanto os archotes flambavam, as flautas gemiam, os tambores batiam, as raparigas, coroadas de flores da montanha e da floresta, dansavam deante delle, com as franjas dos chales oscillando ao rythmo das cadeiras flexiveis, os pés nus arrastados sobre o solo tinindo as argolas dos tornozellos. Terminada a dansa, agruparam-se em volta do montão de almofadas sobre o qual elle estava assentado, com as pernas cruzadas como um magnifico idolo, e as mães o olhavam com sorrisos de benevolencia, accumulando-o de cumprimentos extravagantes.

Não era rico e celebre? Não era bello com a sua estructura musculada, massiça, e as suas esplendidas roupas? A sua esposa não teria o direito de passar na frente das outras mulheres?

Faziam-lhe perguntas de toda especie.

Era verdade que elle sózinho batera tres lutadores do serviço do emir?

Era verdade.

Era verdade que os inglezes, os infieis — que Allah os amaldiçôe! — convidaram-no para visitar o paiz e lá exhibir a sua força?

Era verdade.

Era verdade que elle desafiára o Mandchou de face de cobre, sobre quem os negociantes ambulantes e as gentes das caravanas contavam coisas fabulosas?

Era verdade.

— "Ahi"! Diga-nos! Esse Mandchou tem sete pés de altura, como contam?

— Um pouco mais de sete pés e largura proporcional. Mas deixei-o em completa desordem. Fiz apoio sobre a cabeça delle e agarrando-lhe no tornozello, rodei-o como um pião.

— Mas, é verdade, perguntou a pequena Kurjane de olhos negros, filha de Attila Gourah Khan, é verdade que setenta vezes sete mulheres lhe amaram em Kaboul?

— Isso tambem é verdade, confessou elle ingenuamente. Todas as vezes que eu atravessava os bazares, as mulheres e as raparigas do Afghanistão me olhavam por cima dos véos de tecido encorpado e...

Interrompeu-se. Hirfa, que não vira ainda depois que voltára, chegava da casa e apparecia num halo dourado formado pelos archotes.

— "Taouvoul Ullah amraq, yah daïf Ullah"! Possa a vossa vida se prolongar por muito tempo, oh conviva de Deus! disse ella saudando-o com prazer.

Hirfa sempre se sympathisára com aquelle jovem gigante sem malicia. Elle se levantou e foi ao encontro della. Não podia mais dissimular os seus sentimentos tal qual como a sua força.

— Olhe o que lhe trouxe de Kaboul, disse elle tirando do dedo um annel com uma enorme saphira estrellada, até então reservado exclusivamente para seu ornamento pessoal.

Ella abanou a cabeça.

— Não, obrigada! disse.

Voltou-se e olhou para o outro lado, para o lado da aldeia dos Zakka Khels.

Na montanha dos Momand Khels, durante a quinzena seguinte, muitos commentarios filtraram atravez dos labios cerrados e severos, na hora em que as velhas iam ao regato buscar agua para as refeições.

— Todos os dias, Ali Youssef pede-lhe para se casar com elle e todos os dias ella recusa.

— Um homem tão rico, tão celebre, tão bello, tão forte!

— Mas sem força para arrancar do coração o fogo do desejo!

— Depositou a cabeça e o coração na porta da casa do amor, e Hirfa... oh!... varreu!

— Que é que ella pensa que é, com os seus grandes ares e as suas graças? O avô é rico. Sim. Mas, fóra isso, ella é apenas um tronco cinzento, uma montanheza...

— E o tolo do Ali Youssef faz-lhe salamaleques como deante de uma princeza da China, uma dessas mulheres de rosto redondo e dourado com finas boccas vermelhas e sorrisos de mel!

— Sim, sim. A paixão vermelha metamorphoseia um gigante num pobre fedelho.

— Que é que elle vê nella? pergunta com voz amarga a mãe de tres raparigas casadoiras.

— "Shaitan belade", só o diabo póde dizer!

— Si fosse minha filha, dava-lhe boa sova.

Ellas não tinham por Hirfa propriamente uma antipathia: mas as almas estavam enfezadas sob os impiedosos costumes que pesavam sobre as vidas como uma coberta suffocante; de uma fórma talvez subconsciente, invejavam a independencia da rapariga.

— Aliás, commentava Ali Youssef, ella já não é muito joven. Fez hontem dezesete annos... e ainda não se casou!

— Sim, é quasi uma solteirona esteril, embora todos os seus apuros.

— Quando a reprehendi, deu gargalhadas na minha cara.

— Cachorrinha pagã; sem fé nem lei!

— O avô era tal e qual, quando voltou do estrangeiro, informou um velho que acabava de se juntar ao grupo.

"Ahi"! Os jovens córvos não têm o bico differente do dos velhos.

A palestra tomou outro rumo.

— Que fará Aminullah Khan todos os dias, lá em cima, na crista Picante?

— "Allah"! que poderá fazer?

Pois, fóra Hirfa, muito occupada em conversar com o seu amoroso pela manhã, e pensar nelle o resto do dia, todos haviam notado a conducta extranha de Aminullah Khan nos ultimos dias.

Depois que a idade lhe embranquecêra a barba e obscurecêra a vista, preferia sempre o seu canto junto do fogo. Raramente — e isso o prejudicava — se incommodava para assistir ao "mejliss", conselho hebdomadario onde, sob a presidencia do padre Mortazou, os Momand Khels discutiam os negocios da communa e as questões locaes. Mas, depois da volta de Ali Youssef, todos os dias, ao meiodía, apanhava a espingarda e afastava-se para o alto da montanha, para as neves endurecidas e brilhantes do cimo Picante "para caçar carneiro montez", dizia a quem o interrogava.

Ninguem acreditava. Nunca matava nada e nunca o éco, mesmo surdo, de um tiro viéra das alturas. Mas no dia em que, levado pela curiosidade, um homem da tribu resolveu seguil-o, o velho lutador voltou-se para elle e disse:

— Sou máo atirador, e sorria com o sorriso infantil que arvorava nessas occasiões. Supponha que visando um carneiro, eu te attinja sem querer?

— Tu... tu não queres me matar?... balbuciou o outro.

— Não, não o farei propositadamente. Mas, não tenho culpa de ser pessimo atirador.

Desde então, ninguem se arriscou espional-o. Entretanto a curiosidade crescia e as linguas não paravam...

— Que poderá elle fazer lá em cima todos os dias?

— "Allah"! Sim. Que poderá tramar?

Foi numa segunda-feira á tarde que Mortazou convocou o conselho da tribu em sessão secreta; na quarta-feira pela manhã, entrou na casa de Aminullah Khan e murmurou as formulas de polidez:

— Possa o Senhor Deus te dar gado e abundancia!

— Sou o teu escravo e a tua offerenda! respondeu o outro com identica cortezia.

O velho sorria interiormente. Conhecia bem o padre e sabia o que elle era: uma creatura quasi tão simples e ingenua quanto o filho Ali Youssef.

Atravéz da penumbra purpura do aposento sem janella, Mortazou sentia os olhos frios do interlocutor penetrarem nos delle. Isso o embaraçava. O lutador lhe inspirára sempre uma especie de temor; outrora, pela força; hoje, pelo espirito mordaz.

O padre declarou com uma vóz surda e monotona:

— Meu filho deseja casar com a tua neta.

(Continúa no proximo numero)

Goldoni

Alvaro Moreyra

Carlo Goldoni
por
Pietro Longhi

Não ha muito tempo. O Brasil já estava novo. A Inglaterra tinha ainda a mesma idade. Aconteceu que o Dramatic Club, de Cambridge, poz em scena uma comedia de Carlo Goldoni. No dia seguinte chegou lá uma carta dirigida ao autor. De Londres. De um photographo. O photographo pedia a Carlo Goldoni que consentisse em posar para um album: "Album of Authors". Pela gentileza offerecia uma duzia de retratos de graça e uma ampliação de luxo. A carta, endereçada a este mundo, não encontrou o destinatario. Ha cento e quarenta annos o destinatario móra no outro mundo, naquelle paiz do qual, segundo Hamleto e diversas pessoas que não acreditam no espiritismo: — nenhum viajante jamais voltou.

Eu ando scismando que si alguma companhia representasse aqui qualquer peça de Goldoni, quasi todos os nossos criticos theatraes não lhe pediriam a pose para o "Album dos Autores", mas na certa que esperavam conhecel-o na noite da primeira. E' que quasi todos os nossos criticos theatraes não fazem fé em Hamleto, acreditam no espiritismo e não acreditam em mais nada.

Pois, Carlo Goldoni, que atravessou o seculo XVIII, de 1707 a 1793, descobriu um dia o theatro moderno em Veneza, dentro do tempo mais bonito da vida. Trouxe, como se diz: o theatro no sangue... Desde garoto, só pensou em theatro. Os pequenos da vizinhança, nas ruas estreitas, nas praças claras de sol, brincavam de guerras, de corridas, de procissões. Elle, de bruços na janella, assistia ao espectaculo. No pateo erguera um palco e dava funcções para os parentes e conhecidos. Quando sahiu da escola, o pae botou-o num curso de philosophia em Rimini. A philosophia delle não se parecia com a do curso... Fugiu. Acompanhou uns artistas que o conduziram a Chiozza, cidadezinha perto da sua. O pae foi buscal-o, metteu-o no escriptorio de um advogado para praticar. Fugiu de novo. Appareceu em Milão. Desappareceu. Reappareceu em Piza. Concluiu os estudos. Vestiu a toga de "cultor do Direito" e estreou como empresario de uma "troupe". Escreveu as suas primeiras coisas. Tragedias. Mascaras. Punhaes. O grande desespero. Depois, de repente, ficou engraçado. E optimo.

Desconfio que foi por causa de uma mulher. Aboliu o pranto definitivamente. A revelação do "Homem prudente" no theatro Sant'Angelo serviu para consagral-o e conseguir o perdão da familia.

Dahi em deante não se deteve mais. Por surgir differente, arranjou o rancor do collega e xará Carlo Gozzi. Rancor fecundante... Goldoni escreveu, escreveu, escreveu... Vazio de imaginação. Cheio de finura. Tinha os olhos alegres. Não creava, não inventava. Via e repetia. Menos nos salões do que nas ruas, nos cáes, Goldoni ia buscar as suas figuras e os seus enredos. Era o povo que preoccupava Goldoni. Numa época de prazer, o prazer de Goldoni corria para os corpos queimados pelo ar do velho Adriatico, sem cabelleiras empoadas, sem signaes na cara além das sardas do bom Deus, sem saias de róda, corpetes brilhantes, calções de seda, punhos de renda... Gostava das mulheres. As mulheres fórmam, na lista das obras de Goldoni, uma collecção de adjectivos: "A mulher extravagante", "A mulher leviana", "A mulher valente", A mulher forte", A mulher vingativa", "A mulher ciumenta" "A mulher negocios", "A mulher de bom humor"...

Veneza do seculo XVIII está archivada nas comedias de Goldoni. Veneza interior, risonha, movimentada, barulhenta. Porque Veneza não é assim depois que virou cartão postal. Fóra do Lido, onde a elegancia da terra inteira vae tomar banhos e sorvetes, a cidade plantada á beira dos canaes é um logar bello e sinistro, especie de Francesca Bertini construida e syncronizada, braços abertos na Ponte dos Suspiros, a angustia derradeira nos sinos das igrejas e os pombos de São Marcos construindo tumulos estylisados junto dos turistas ainda vivos...

O theatro vive na natureza...

Mario Nunes

Nunca formei ao lado dos que entendem que a salvação do theatro depende do aniquilamento do cinema, e, assim, nunca pleiteei medidas coercitivas que valessem praticamente, por difficuldades levantadas á marcha de uma das mais interessantes e curiosas invenções dos ultimos tempos. Já é tempo de nos convencermos que taes processos são idiotas, que nada se alcança forçando Galileu a jurar que a Terra não se move, ou pregando um outro Galileu na cruz, para destruir suas idéas... O cinema que, agora, já não é mudo e, imperfeito o som embora, tem o vulto de uma authentica maravilha, caminhará para a frente, sempre, sempre, quer queiram quer não queiram os que entendem ser elle uma contrafação do theatro. Este continuará a ser uma formosa arte, a despeito da voga do film, pouco importando momentaneos eclypses que têm a sua origem em phenomenos de reajustamento commercial.

Evreinof, a maior competencia no assumpto da Russia de hoje, diz, e diz muito bem, que o theatro não pode desapparecer porque vive na natureza, tudo representa, os mineraes, os vegetaes, os animaes, racionaes e irracionaes. E sem perder tempo em uma demonstração que não cabe nos limites de uma chronica ligeira, basta reflectir que cada um de nós passa a vida a representar, mascarando sentimentos e impulsos, procurando sempre parecer bem e notavel aos olhos dos que nos cercam, com o fito de despertar admiração e applausos.

Para salvar o theatro ou mantel-o, não é preciso matar o cinema. São precisos, isso sim, Mecenas, muitos Mecenas que, nos tempos de hoje, não podem ser senão o Estado.

Assim o comprehende a França, fonte maxima da nossa cultura literaria, nosso guia em assumptos do pensamento. A United Press acaba de divulgar, em telegramma que os nossos jornaes publicaram, que o Conselho Municipal de Paris votou uma subvenção de dois e meio milhões de francos aos theatros, afim de que possam fazer frente á competição dos films sonóros.

Esse é o caminho. Sigamos por elle. O regimen, agora, é outro; fez-se a revolução para amparar todas as forças vivas da nacionalidade. O theatro terá, pois, de ser considerado.

Esperemos.

SENHORA HELENA PINTO DE CARVALHO

Veiu de S. Paulo na "primeira producção sonora do Brasil": "Coisas nossas".

No cartaz o nome era maior do que a dona. Na fita, a dona sorria e cantava:

> **"Este geitinho que você tem**
> **é um geitinho de querer bem..."**

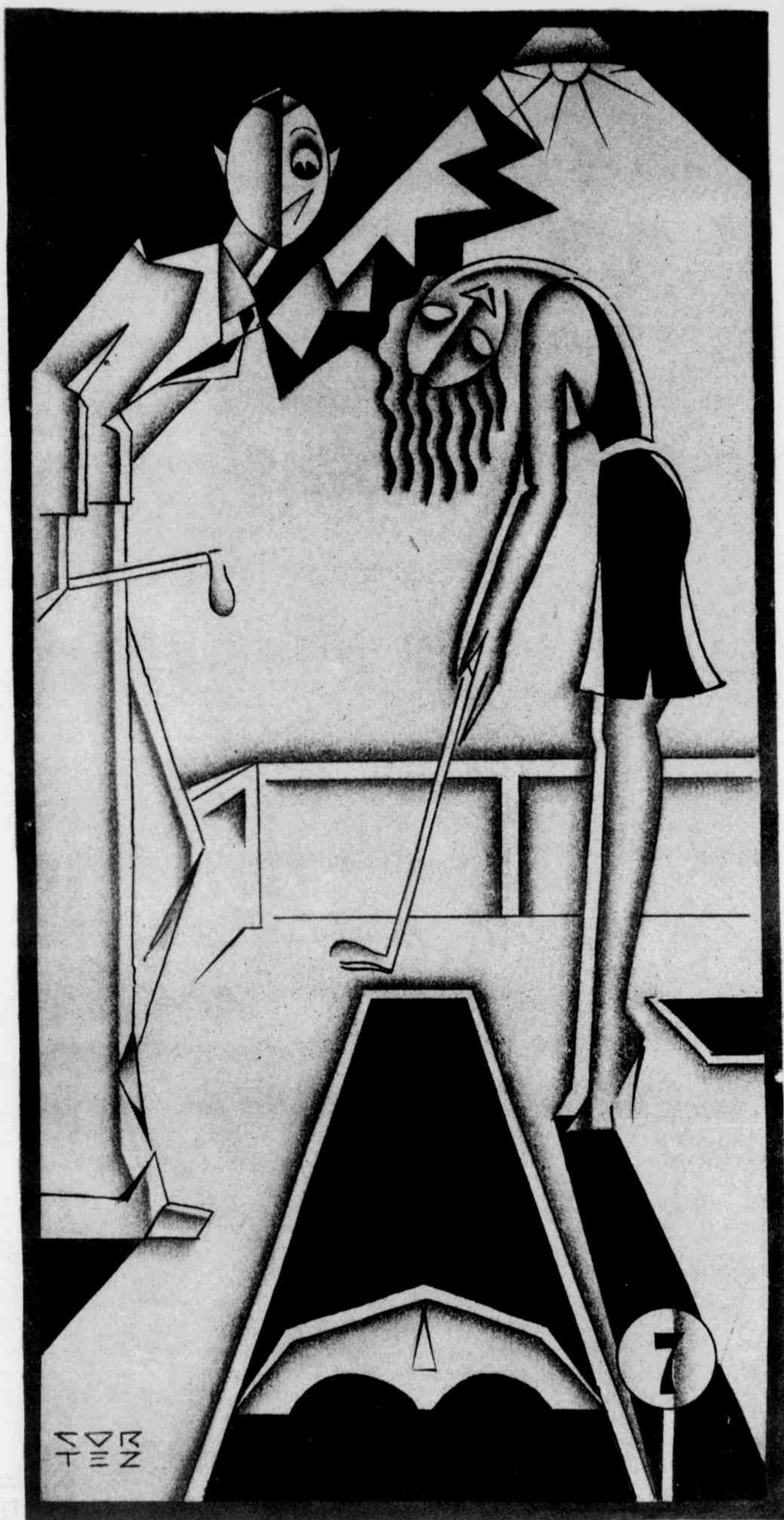
Uma menina de vóz bonita, de cara expressiva, gestos engraçados.

Senhora Helena Pinto de Carvalho.

Ninguem acreditou. Muito nome. Estava brincando de casa, com certeza. Leninha é que ella parecia. Leninha, do tamanho della.

Não solta a vóz. Diz as palavras no rythmo da musica. A gente escuta e entende. A gente gósta e péde mais. Por isto mesmo, a artista volta ao Rio. Em corpo e alma. Para fazer um recital no Theatro Casino. Com uma chusma de canções nóvas.

O fallecído

O "golfinho" deu com muita força, acabou logo. Nos logares onde elle existiu agora a gente patina... Cortez guardou neste desenho a memoria do fallecido...

A ACTRIZ OLGA TZEZARSKAYA

VIAJANDO NA

NA Russia não ha domingos, no sentido de descanço geral. Cada trabalhador tem direito a um dia livre por semana, o que não interrompe o trabalho collectivo. As fabricas funccionam dia e noite. Ha já alguns anos que as machinas da Russia não param.

Mas aquelle dia tinha um aspecto de feriado, e isso porque coincidia o descanço de varios amigos.

Saphia Igelstrom, a quem na intimidade chamavamos de Sonia Petrovna, falava cinco idiomas. Sonia, de uma seductora madureza, tinha o typo das admiraveis mulheres russas, cheia de sabedoria, de intelligencia e de graça. Sabia muita coisa do presente e do passado. Conhecia o mundo por haver vivido e percorrido-o. Identificára os seus idéaes com os da revolução e punha então todos os seus enthusiasmos na tarefa de fazer uma vida nova para a sua Russia e para a a humanidade. Nesse dia falou das mulheres russas.

A operaria e a camponeza russas foram no regimen imperialista burras de carga ignorantes e submissas. Além da rude tarefa diaria no campo e na fabrica tinham que attender ás occupações da casa e aguentar a brutalidade e o máo humor dos paes ou maridos. Eram um montão de obscura dor.

A revolução despertou uma consciencia na mulher, deu-lhe uma personalidade, fez da antiga besta uma mulher, igualou-a em todos os direitos ao homem, nutriu-lhe a intelligencia, illuminou-lhe o espirito e embellezou-lhe a vida com a posse do ideal e a noção do seu valor. A antiga escrava se encheu de gloria nos dias terriveis da luta e o seu heroismo attingiu muitas vezes a sublimidade, disse Sonia Petrovna.

Tudo respirava bom gosto e cordialidade na habitação de Sonia. Tapetes, muitas almofadas e grandes estantes repletas de livros e sobre a mesa de trabalho, pequenas e curiosas recordações de viagens por toda a Russia e todo o mundo. Certa vez offereci á Sonia uma gravata de seda azul que eu trazia e que ella elogiara. Um pouco triste por não poder retribuir o meu presente como desejava, deu-me um cinzeiro feito com um pedaço de dente de mamouth encontrado na Siberia. Aquelle pedaço de marfim ante-diluviano, curtido por milhões de annos, valia muito mais do que quinhentas gravatas como a que eu lhe déra. Comtudo, Sonia estava triste porque desejava poder retribuir melhor. Como o trabalho em marfim prehistorico havia muitas coisas nos aposentos de Sonia, que era necessario não olhar muito para que ella não désse logo. Era tambem assim Maria Paulovna Gonta. Estava sempre empenhada e distribuir os seus pequenos thesouros: tecidos tartaros, pedras raras do Caucaso, armas da Ukrania, sua terra.

E Sonia Petrovna, que é escriptora, continuou falando: Si a revolução russa não tivesse feito muitas coisas formidaveis, bastaria a sua obra de redempção da mulher para justifical-a. Foi uma questão de Estado introduzir a mulher na luta pela vida nova. A protecção do trabalho feminino, a igualdade de salarios para trabalhos iguaes aos dos homens, o profundo respeito e consideração por todos os esforços da mulher e situações especiaes do sexo, foram das primeiras medidas tomadas pela revolução triumphante. No começo a antiga escrava não poude levantar-se e saccudir a carga de uma secular tradicção de prejuizos e necessitou do auxilio do Governo para libertar-se. Crearam-se então as chamadas reuniões de delegadas de operarias e de camponezas, elegendo-se uma por cada dez mulheres do povoado ou districto, com o fim de formar um corpo de delegadas com o encargo de cuidar a educação e preparar-se para um trabalho social efficaz e activo. O trabalho dessas delegações se realisava sob a fiscalisação directa do Partido Communista. O numero de delegadas em 1929 chegou á 830.000, entre as quaes havia tres quartas partes de camponezas. E a obra de todo esse movimento gigantesco de emancipação moral e educação intellectual é facil de calcular. Basta dizer-lhe que as analphabetas de annos atraz são hoje conferencistas, que nos Soviets da Russia existem 300.000 membros mulheres e 7000 que são presidentes. Camponezas de outr'ora que agora dirigem importantes instituições culturaes e economicas, operarias que se converteram em professoras e technicas capazes de dirigir fabricas. As antigas escravas têm agora, fundadas, dirigidas e escriptas por ellas mesmas, revistas de exclusivo caracter feminino que, como "Krestianka" e "Rabotnitza", alcançam tiragens de meio milhão de exemplares. E nenhum paiz do mundo supera em perfeição as leis sovieticas de protecção ás mães e ás creanças. Nenhum paiz do mundo ganha a Russia nas liberdades concedidas á mulher; agora

ella é dona e senhora absoluta de sua vida, dona de seu ser de seus sentimentos, de suas ideas, dona para sempre de sua personalidade.

Na mesa de Sonia Pretovna fumegavam as chicaras de chá e pela grande janella viam-se os flocos de neve cahir sobre a noite de Moscou. Moscou silencioso e quieto e apenas illuminado; Moscou que seja quem fôr pode percorrer a qualquer hora da noite com absoluta segurança, e onde o grito dos "isvoschis", guiando os trenós no silencio das ruas, recorda, não sei por que, o grito dos godoleiros venezianos ao cruzar ou fazer as curvas nos pequenos canaes.

Maria Paulovna Gonta, acocorada entre as almofadas do sofá, segurava com as mãos, pallidas e longas, uma chicara de chá. Eu e o hespanhol Antonio Jesus Ibañez residente em Moscou, bebiamos discretos vinhos do Caucaso e da Criméa. Vinhos brancos e tintos bastante parecidos com os nossos.

— Dona de seu ser, de seus sentimentos, de suas idéas; dona para sempre de sua personalidade,—acabava de dizer Sonia Petrovna referindo-se á mulher da nova Russia.

— Vocês terminarão perdendo o encanto feminino, — disse Ibañez, interrompendo o discurso de Sonia Petrovna. — Crearam uma moral que nós latinos não tolerariamos, e muito menos um hespanhol ou sul americano. São demasiadamente livres. Na Hespanha as mulheres fazem o que dizem os homens, sem perderem por isso a personalidade e tão pouco o respeito e a admiração.

— Bem, — companheiro Ibañez contestou Sonia Petrovna, que nunca perdia o tom elegante e sereno: — isso succede no paiz das mulheres domesticadas...

— Vocês são demasiadamente livres, repito, — insistiu Ibañez —; vocês podem enganar aos maridos se lhes dá vontade, sem que ninguem tenha o direito de dizer uma palavra, nem mesmo o enganado, porque seria desconhecer a absoluta liberdade da mulher. Na Hespanha a mulher é fiel por lei de moral e costume. O marido pode andar annos pelo mundo como no meu caso, e a mulher conserva-se fiel. E' muito idiota!

Maria Paulovna Gonta approximara-se e olhava de um em um os presentes com expressão de assombro.

— Não posso comprehender — dizia — a logica do companheiro Ibañez. Critíca a nossa moral, o que elle chama nossa moral, exalta a moral das suas patricias e ao mesmo tempo chama-as de idiotas por seguirem essa moral superior á nossa...

Ibañez, baixo, de rosto fino e severo, com um gorro basco que nunca abandonava, ria ás gargalhadas do assombro de Gonta. Gostava de fazer as suas amigas falarem, e por isso dizia o que lhe vinha á cabeça. Jurava por Deus e pela Virgem da maneira mais pittoresca e cathegorica que eu já ouvira. Varias vezes arriscára a vida por suas idéas revolucionarias. Contava coisas extraordinarias da sua vida passada.— Meu pae era mendigo — disse-me uma vez — e minha mãe cigana. Meu pae fazia-se de cego, mas era apenas estrabico. Percorremos a pé todas as estradas da Hespanha. Meu pae ia tocando guitarra e eu, que era um garoto, na frente cantando e dansando. Acredita que, durante dezesete annos que vivi junto de meu pae, nunca o vi lavar o rosto?

O garoto logo depois foi mineiro, marinheiro, cozinheiro, carpinteiro. Tem agora quarenta annos, colabora em revistas da França e da Hespanha, fala varios idiomas, escreve lindas historias, traduz do russo para o francez e o hespanhol e conhece a fundo toda a literatura socialista. Conhece tambem os carceres da Hespanha e espera voltar a elles para escrever muitas coisas da sua vida e ler tranquillo alguns livros que ainda não teve tempo de ler.

Entre as muitas coisas da Russia que despertam a curiosidade geral se contam as referentes á maneira de viver, uma vez abolida a propriedade privada, e as concernentes ao que podemos chamar relações matrimoniaes. Isso de amor livre tem muitos bemóes e se presta a varias interpretações, de accordo sempre com o temperamento e a moral de cada um. Isso de amor livre me parece uma coisa sem sentido e estupida. E por isso me dá bastante pena quando ouço algumas pessoas, ás vezes sérias, perguntarem, com expressão de glutona curiosidade: "Então, como é o amor livre? Conta..."

Vamos dar a palavra á Sonia Petrovna, que foi quem me explicou esse assumpto tão interessante das relações matrimoniaes nas republicas sovieticas.

Não ha nenhuma differença entre a união legal e a união illegal, porque isso é um caso privado em que a lei não deve meter-se.

(Term. no fim do num.)

RUSSIA

A. S. MON

UMA ASSEMBLÉA DE CRIANÇAS DE MOSCOU EM MEMORIA DE LENINE

O ESPIRITO CLASSICO DO CUBISMO

POR EPEF TERIADE

NATUREZA MORTA DE S. GRIS

O CUBISMO, como o impressionismo, o romantismo, o classicismo davidiano ou outro movimento de idéas na pintura, foi primeiro o ideal de um pintor, de dois pintores, de alguns pintores, e por fim, dos pintores inteiramente responsaveis que tiveram a iniciativa e possuiam a chave mysteriosa. Era logico que esse movimento terminaria um dia, como movimento, quando esses pintores, libertando a forte individualidade, substituiram o ideal desejado por obras exemplares. O fructo nasceu da idéa, da idéa já enfraquecida. A chave cahiu no dominio publico no momento em que não serviu para mais nada, pois as portas estavam abertas e os homens libertos nas suas obras.

O cubismo deu logar a mais mal entendidos do que qualquer outra exploração pictorica.

Os olhos exercitados dos homens de hoje, permittem reconhecer o valor plastico do que negavam hontem. Chegamos ao momento em que o quadro cubista póde ser considerado com tanta calma quanto o quadro impressionista. De modo que o cubismo deve ter terminado realmente.

O cubismo é a phase definitiva de uma reorganização pictorica, a culminação aguda de uma ampla época de experiencias desinteressadas e apparentemente contradictorias.

Por sua essencia espiritual foi durante o periodo triumphante de antes da guerra uma verdadeira renovação classica. Os seus rithmos estaticos utilizaram toda a força vibrante e domada com o proposito de conseguir uma concentração plastica intensa e uma profunda unidade lyrica. O cubismo introduziu uma pureza nova na pintura e fixou durante alguns annos segundos o movediço espirito do classicismo. Foi o movimento-base que, partindo das indicações que figuram na obra de Cézanne, instituiu o reinado absoluto e puro da plastica. Os pintores responsaveis por esse movimento abandonaram toda a idéa anecdotica, toda renuncia sentimental á expressão dramatica ou outra, e adoptaram um plano severo de reconstructores para attingirem esse "silencio" "plastico" completado por impulsos reprimidos, de movel equilibrio e de vida secreta.

A organização dos elementos da pintura, a eleição rigorosa, a humildade humana,

A MULHER DO BANDOLIM DE PICASSO.

tinham que culminar nessas sintheses intensas e tranquillas em vez do que offerecem os quadros cubistas dos annos heroicos. Tudo se resumia nesta idéa: a plastica pictorica se basta a si mesma. Extrae da sua emancipação uma dignidade e uma força incomparaveis. Nenhum recurso de expressão literaria, politica ou outra qualquer.

A poesia está na propria pintura. Todo o lyrismo de um quadro procede da feliz harmonia de seus elementos, e a sua humanidade das affinidades plasticamente exactas. Si os verdadeiros pintores cubistas elegeram sempre os elementos na realidade mais immediata, mais humilde e menos rebuscada, não pretenderam represental-a de forma que pudesse ser reconhecida por aquelles que não levam em conta o poder formal da pintura.

A synthese plastica transfigura nos quadros, com o seu lyrismo essa primeira realidade.

Dahi provêm os multiplos malentendidos dos pintores que crêem na abstração pura.

Mas essa pureza classica do cubismo, assim como a sua tendencia reconstructora, não constituem uma particularidade desta arte. Dominam toda a pintura vanguardista e estão se convertendo em conclusão rapida do "fauvismo", movimento cujo esplendor expressivo durou apenas um momento na França, mas que na Allemanha, terreno mais favoravel, deu nascimento ao expressionismo.

Matisse pódia ser considerado como o percursor do cubismo.

O magnifico desabrochamento da sua obra, assim como o "regresso" de Derain, confirmam a preponderancia classica dessa época. Foi "um momento" precioso, em que os pintores voltaram a descobrir esta verdade que é de todos os tempos: — O homem que não sabe fazer obra pictorica com uma coisa humilde, uma maçã, por exemplo, terá que suprir essa debilidade recorrendo

A MULHER COM O LIVRO DE S. GRIS

(Termina no fim do numero)

CINEMA

O film sovietico "Enthusiasmo" acaba de passar pela primeira vez na Europa occidental, em Francfort apresentado pelo seu director, Dsigna Werthoff.

E' uma nova glorificação do plano quinquenal, mostrando, entremeados de fantasias lyricas, os progressos da industria mineria e metallurgica na bacia do Don, depois a revolução de 1917 até os ultimos resultados obtidos na luta pelo carvão e o aço. Em todos os lances demonstra a alegria da descoberta do mundo real que caracterisa os films russos. Completa-o um acompanhamento sonoro que é uma verdadeira symphonia de machinas, cujo barulho hyperbolico despedaça o ouvido, mas dá uma impressão de grandeza e de actividade.

NAS horas vagas... Ramon Novarro pratica sua voz todos os dias quando não está trabalhando. Todos conhecem a suavidade de sua voz, mas poucos são os que sabem da sua habilidade como estudante de literatura musical. Estuda infatigavelmente, pois a musica é o seu passatempo favorito e sua grande fonte de felicidade. Marie Dressler, no meio de sua atarefada existencia, acha tempo ainda para escrever livros. Já escreveu dois livros. O primeiro foi "The Life Story of An Ugly Ducking" publicado em 1924. No anno passado a energica Miss Dressler escreveu "The Girl Stood on the Burning Dock", uma continuação da historia de sua propria vida. Joan Crawford passa suas horas vagas modelando figuras de argila numa das salas de sua residencia em Beverly Hills. A maior ambição de sua vida é ir a Paris estudar esculptura.

Emquanto Miss Crawford ambiciona tornar-se uma grande esculptora, William Haines já se estabeleceu como uma grande autoridade em antiguidades. O que no principio para elle começou como passatempo, tornou-se mais tarde um campo commercial, pois agora Haines é proprietario duma loja de antiguidades em Hollywood.

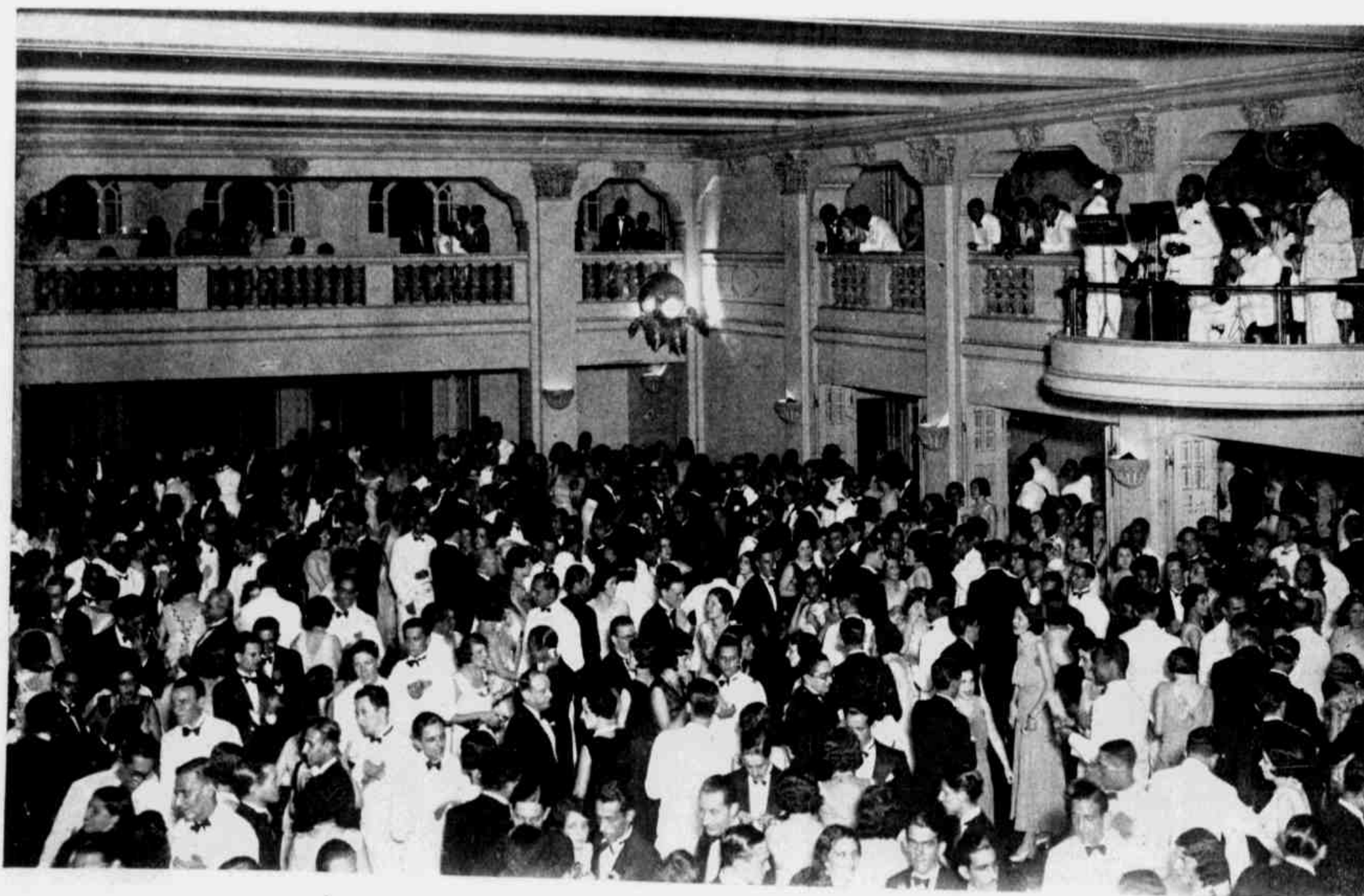
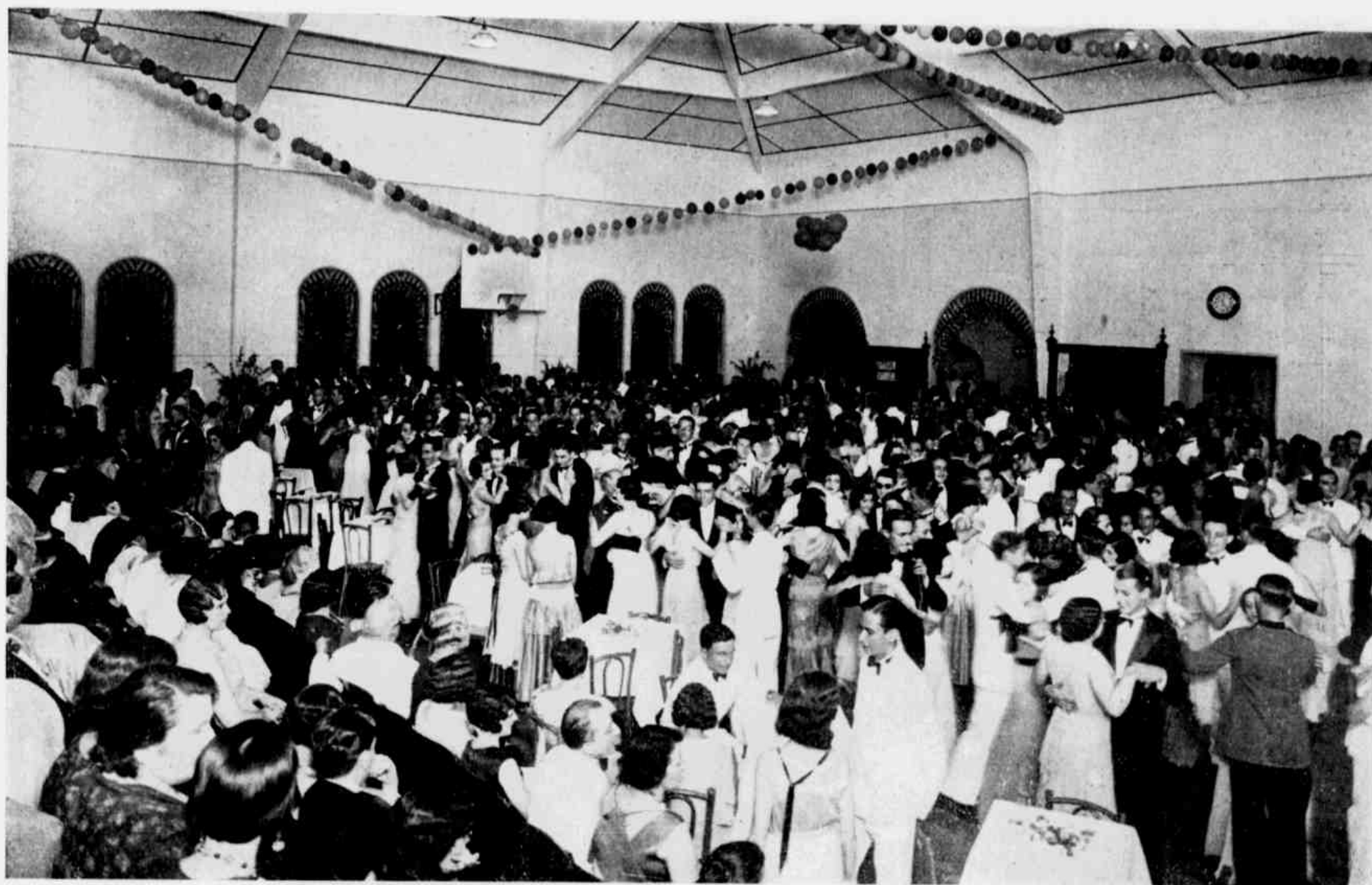
Lionel Barrymore, o genial "Stophon Asho" de "A FREE SOUL", divide seus interesses entre o cinema, gravação a agua forte e composições musicaes. Na sua meninice, Lionel estudou pintura e musica em Paris. Mais tarde, quando se converteu em actor, esses estudos começaram a ser um passatempo. Hoje, consagra todas as horas que tem livres a fazer aguas fortes e a escrever composições musicaes.

Greta Garbo

no seu ultimo film

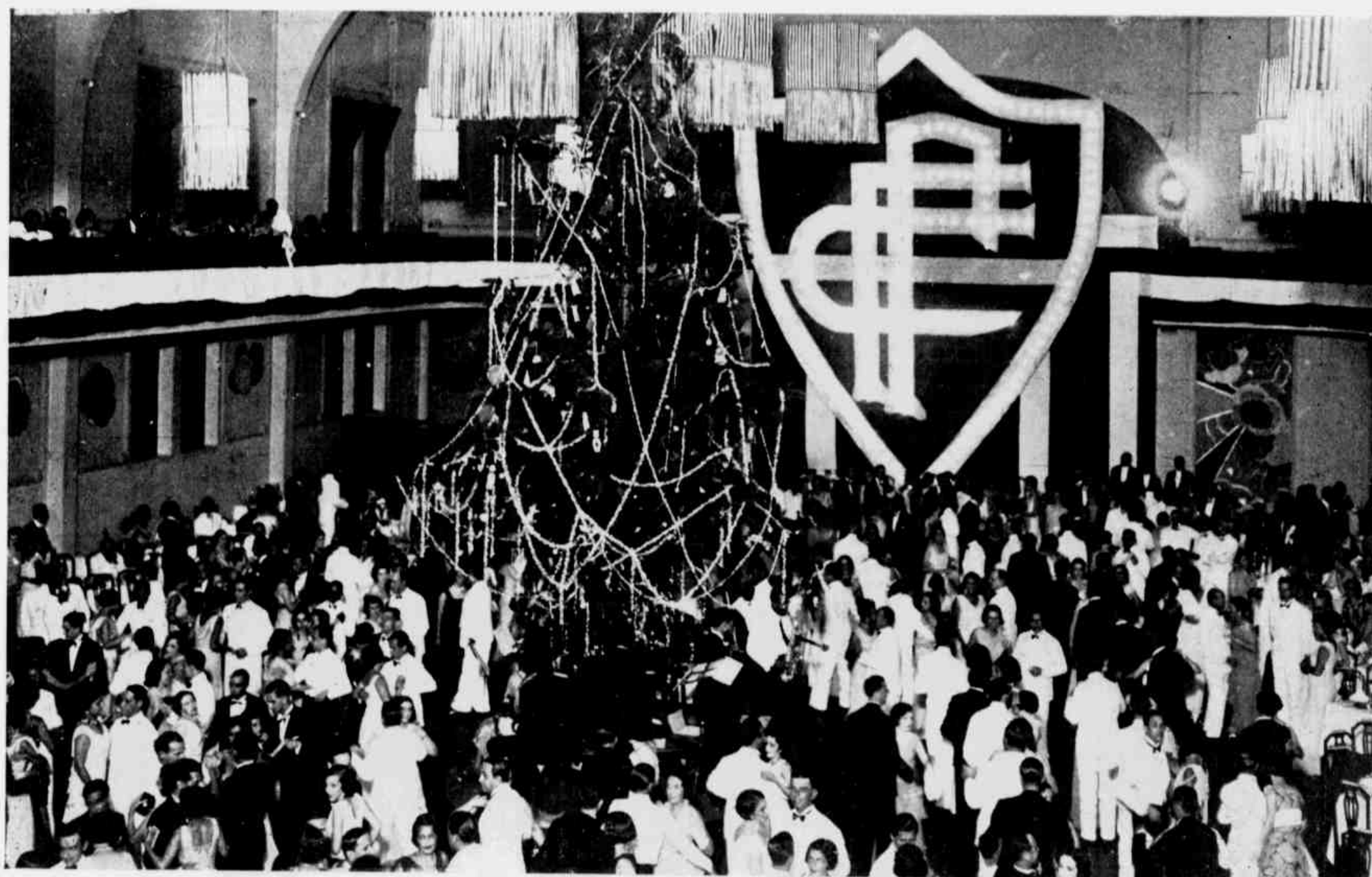
NOITE
DE
SÃO SYLVESTRE

No Club Gymnastico

No Botafogo F. B., Club

A N N O N O V O

No Tijuca Tennis Club

A CHEGADA DE 1932

No Fluminense F. B. Club

1 9 3 1

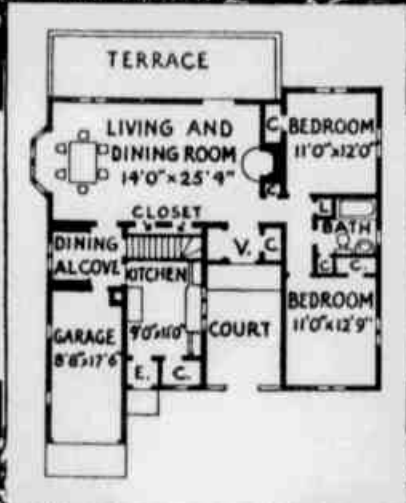
No baile com que o Rio Cricket, de Nictheroy, festejou a entrada do anno novo.

No Club de Regatas Guanabara.

1 9 3 2

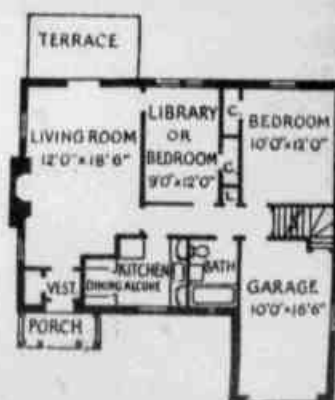
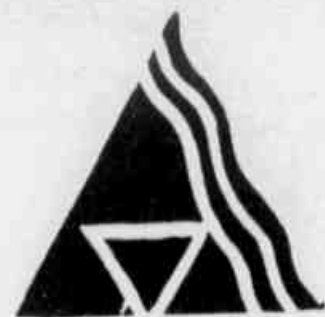
No Club Militar.

Casas Para Todos

Plano popularissimo. Dois quartos de dormir dividos pelo banheiro e tudo ligado ao "hall." A cozinha e a garage ficam na frente.

Desenho de Winchton Leamon Risley, da California. Typo moderno de architectura na California.

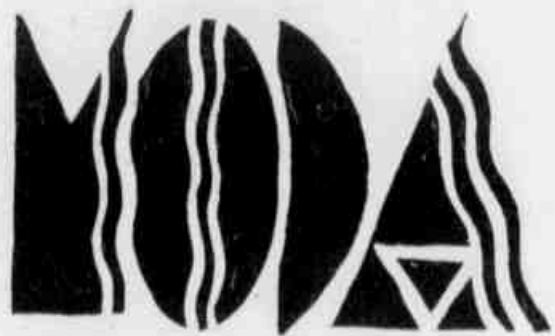
Desenho de Dwight James Baum, de Nova York. Typo antigo de architectura americana.

Desenho de Frascis Keally, de Nova York, para construcção de madeira ou de aço. Um dos mais recentes typos da architectura moderna. Usam-se anellas de aço e paredes de estuque rebocado.

Desenho de Louise Gilleo, de Michigan. Exterior de barro. Os quartos de dormir ficam juntos do jardim no lado da sala de visitas, cozinha, sala de jantar, banheiro, vestibulo e garage. O espaço que sobra pode ser aproveitado pro meio de escadas, fazendo-se uma mansarda na parte inferior do tecto. Custo modico.

PARA quem não pode se ausentar do Rio, durante o verão, em busca de dias mais supportaveis nas montanhas e nas estações de aguas, resta a praia de Copacabana. As pessoas que dizem não supportar o mar são aquellas que não tomam precauções elementares, e que vivem á beira mar como na cidade, sem mudar de regime nem de habitos.

Para começar, á beira do mar pode-se ser elegante com pouco gasto. Bastam duas saias, uma clara e outra escura, algumas blusas e, principalmente, varios pyjamas em tussor, seda lavavel, cretonne jersey. Todos bem alegres, em tons vivos e firmes, que não soffram com o sol nem com os respingos de agua salgada. O pyjama convém para todas as horas; na parte da manhã, usaremos os mais simples, á tarde, vestiremos outro mais bizarro nas côres, com mais fantasia na fórma. E, á noite, nas reuniões e jantares dansantes dos restaurantes e clubs, o pyjama-toilette. O mesmo pyjama que vestimos á tarde, na praia, serve para receber á hora do aperitivo.

PYJAMA de praia, para a tarde. As calças em crepe furta-côr azul e vermelho. Blusa em crepe estampado: fundo branco, flores amarellas, verdes, vermelhas, pretas.

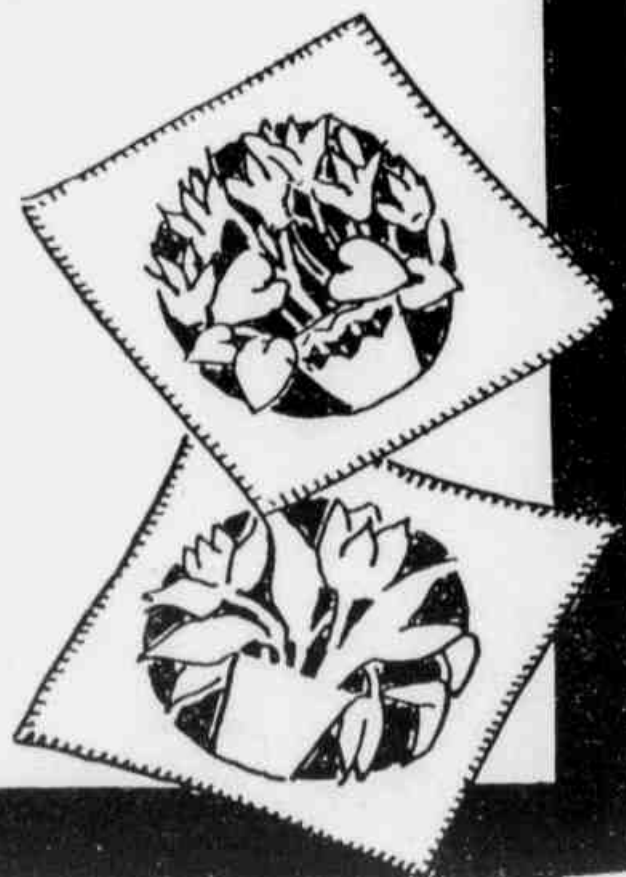
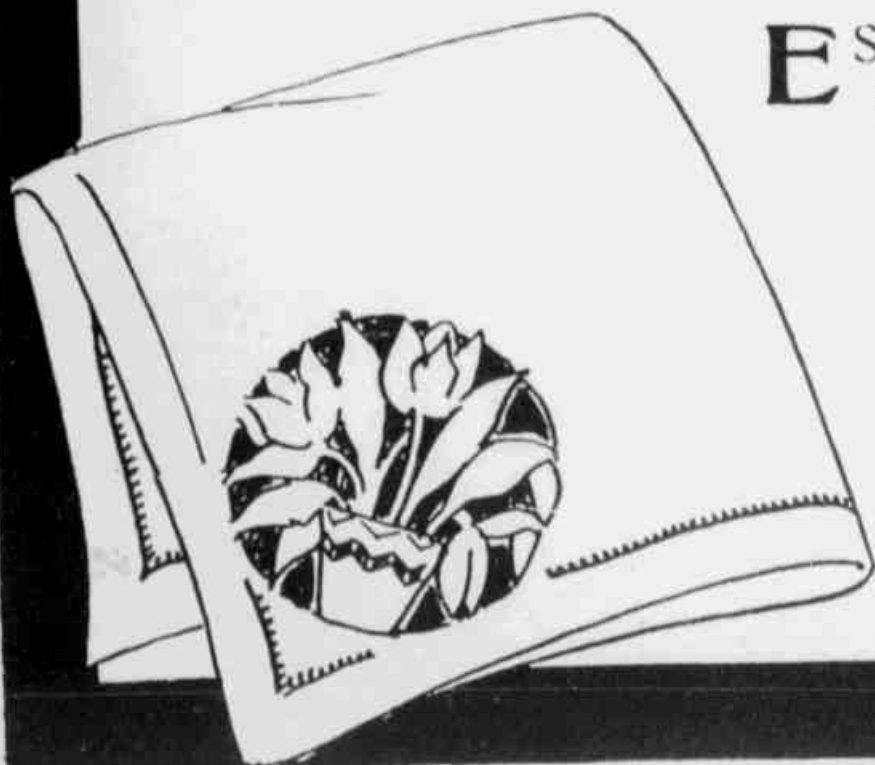
PYJAMA de praia, para a tarde. Seda branca estampada de verde vivo e verde claro. Bolero verde vivo.

Para qualquer sahida de compras, manicure, cabelleireiro, etc., as saias com as blusas resolvem admiravelmente a situação. Resta-nos o convite para um aperitivo, ou um chá dansante. Para estes momentos teremos no guarda-roupas uns dois ensembles leves e simples.

Resta-nos a questão dos sapatos e das meias. Supprimamos as meias, salvo para as reuniões mais cerimoniosas. Substituamos os sapatos por sandalias-sapatos combinados com os vestidos. Para acompanhar os pyjamas, aquellas que tiverem bonitos pés e puderem se dar ao luxo de exhibil-os, os tamanquinhos japonezes laqueados. Para os pyjamas-toilettes, fazem-se maravilhas de sapatos, que de sapato só têm a sola e o salto altissimo.

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos, Ouvidor, 134 e 160.

BLUSA de Schiaparelli em seda escoceza verde e branco. — Duas peças de Philippe e Gaston. O vestido em crepe da China amarello com desenhos em branco e marron. Enfeite de pala e laço de crepe marron. Casaco de marocain amarello, meias-mangas guarnecidas de lontra marron. Vestido de Yteb em seda branca com desenhos vermelhos. Grande pala branca. Bolero de sada vermelha.

O trabalho da semana

ESTE medalhão deve ser executado em bordado Richelieu sobre linho grosso. Serve para centros de mesa, trabalhos, stores, almofadas, etc. Para almofada é conveniente utilisar linho grosso de côr e linha bem brilhante. A realisação é facil e o effeito magnifico.

COMEDIANTE

CARLOS RUBENS

Ao sahir aquella noite do Theatro Casino, após um espectaculo da "Companhia da Gente Alegre", Geraldo Sampaio desceu ao Maxim, bebeu um calix de liquido côr de ambar, ouviu um tango que era como o rythmo agonial de uma alma "in extremis" e sahiu sem destino ou desejando ir para toda parte, menos para onde procurava ir: a casa de Helena Amaral.

A's 15 hoas daquelle dia lhe havia telephonado:

— Vamos ver *Céo roubado* no Imperio?

— Não posso, meu filho. Estou hoje com uma dor de cabeça de enlouquecer. Nem podes calcular. Se continuar nem ao theatro irei logo mais. Quer você vir ver-me á noitinha?

— Irei, sim.

— E traga-me umas fructas gostosas, sim? Como aquellas de outro dia. E uns bonbons. Sim?

Elle não chegou a ir, porque passada uma hora, ao atravessar o Largo da Carioca, deu com Helena Amaral, na Lallet, ao lado de um individuo que não conhecia, tomando chá. Radiante num vestido *grenat*. Contente.

Ia entrar, beber qualquer coisa perto della, olhando-lhe cynicamente os olhos cynicos. Revelando-lhe no olhar gelado e duro a ira que lhe enrubescia a alma. Conteve-se, porém. Foi andando. Esteve no Bellas Artes, no Palace Hotel, onde no recinto de uma exposição ouviu uma conferencia sobre *A Felicidade no Amor*, no Casino e no Maxim.

Querendo ir á casa da amante, afim de desabafar, dizendo-lhe palavras indigndas, ia para outros logares. Viu-se, por isso, ao sahir do "Cabaret", sem destino, na rua.

Helena Amaral era uma creatura actual. Creatura-boneca. Sem alma. Joven, fresca, requestada, leviana, abandonou um dia o lar com uma amiguinha; após dois mezes de perambulação e libertinagem por praias e *dancings*, pedira acolhida ao theatro. Sonhos de liberdade proveitosa e de gloria. Fez-se actriz. Bonita, intelligente, de plastica fascinadora e voz caricio̧sa, não demorou em triumphar. Era uma revelação para o palco. Vencera.

Foi ao passar uma tarde pelo *Phenix*, que Geraldo Sampaio viu Helena Amaral. Num cartaz annunciando uma estréa. Achou o boneco que era de Trinas-Fox, original e desejou ver a actriz em pessôa, representando. Achou-a deliciosa, então. Como mulher. Como typo da sua feição.

Uma semana depois eram intimos. Helena, que nunca tivera amor a alguem, confessava por Geraldo um amor desmedido e sincero. Ardente. De toda a vida.

Geraldo, ao começo, acreditou na affeição despertada; depois reconheceu que tudo quanto Helena dizia era tão falso como quando desempenhava qualquer scena, no palco. Mentia-lhe como mentia no personagem que incarnava. Mentira e mentira. Mas como gostasse sinceramente della pela perfeição esculptural do corpo moreno e pelas horas de prazer que lhe dava, fazia olhos cegos a certas leviandades e ia vivendo aos seus afagos e encantos. Amorosamente. Revoltava-se, ás vezes, separava-se della, mas voltava a atormentar-se e a gosar. Via que a amante não fazia distincção entre o palco do *Phenix* e o da vida, representando tão bem num como noutro.

Naquella tarde da dôr de cabeça que passara com o chá na Lallet, Geraldo Sampaio resolvera romper definitivamente com Helena Amaral. Andou até tarde e o resto da noite passou-o cheio de raiva e insomnia.

Pela manhã correu á casa de Helena, que o recebeu ainda no leito macio, sob a alvura macia dos lençóes.

Geraldo Amaral, sem preambulos, exprobrou-lhe o procedimento leviano, recordou-lhe os actos menos honestos, as hypocrisias e as attitudes desleaes. Disse tudo quanto lhe repontára á cabeça, o que nunca pensara dissesse ao seu maior inimigo.

Emquanto elle se movimentava de um lado para outro no apartamento, gesticulando, dizendo coisas crueis, Helena não se movia, olhando-o fixamente, friamente, sem medo e sem surpresa. Sua expressão era calma e natural. Só os olhos não paravam, castanhos e limpidos, acompanhando o amante em exaspero incontido.

Ella sabia que aquillo (elle não era theatral) seria tempestade ephemera. Tinha acontecido já tantas vezes! Bastavam duas palavras intencionaes e alguns beijos para tornal-a dia azul.

A calma de Helena, parece que exaltava ainda mais a Geraldo Sampaio. Este disse tudo quanto se lhe afigurava a elle um completo desabafo. E como se achasse, todavia, que tudo quanto dissera não fora bastante, faltando ainda alguma cousa, pegou do chapeu, abriu a porta e voltando-se para Helena Amaral, cuja cabeça era apenas o que apparecia do seu corpo sob os lençóes claros, teve sómente uma palavra na qual resumia toda a sua dôr revoltada:

— Comediante!

E bateu a porta violentamente.

NO GRAJAHÚ TENNIS CLUB

Festa da entrada do anno novo

Annita Soares Costa
com
Mauricio Velloso

Alvarina Caldeira
com
Ferrucio Zamboni

Casamentos

Saudalida
Machado
Peçanha
com
Armando
Chaves
Costa

De A. Brant Ribeiro

CANÇÃO DE JUNHO

Aquele balão doirado,
Doirado e lindo como a luz do dia,
Que subira no ceu,
iluminado
Como um sorriso claro de alegria,
Desces agora, tristemente,
Como uma lagrima sentida,
Desprendida
Lá das pupilas brancas do luar...

E desce
lento...
lento...
devagar...

E vem caindo e vem morrendo,
Com saudade do luar...
E vem caindo e vem morrendo,
Tão palido, tão triste e tão sózinho,
Ele que fôra tão contente!...

O lindo balãozinho
Parece tanto, tanto o destino da gente!

AQUARELAS

I

A onda que vai e vem,
Bem longe, na amplidão
Azul do mar,
Não para nunca de chorar,
Não para nunca de chorar,
No seu eterno marulhar...

Por isso tenho a palida impressão
De que essa onda que se encrespa, além,
E' a linda imagem da constancia
E do meu triste olhar tambem...

II

A onda que vai e vem,
Bem longe, na amplidão
Azul do mar,
Não deixa nunca de passar,
Não deixa nunca de passar,
No seu eterno vae e vem...

Por isso tenho a palida impressão
De que essa onda que se encrespa, além,
E' a triste imagem da inconstancia
E do teu amor tambem...

O corvo e a rã

Fabula tibetana

UM corvo agarrou uma rã gorda e levou-a no bico para cima do telhado de uma casa proxima onde pretendia devoral-a rapidamente. Quando a ave pousou no telhado a rã pôz-se a rir.

— De que te ris? exclamou surprehendido o corvo.

— De nada, corvo, disse a rã. Não faças caso. Pensava na feliz casualidade de meu pae viver aqui perto, neste mesmo telhado; e como elle é extraordinariamente forte e feroz, não tenho duvida de que me vingará se alguem me fizer o menor mal.

O corvo, temendo passar algum máo quarto de hora, mais tarde, apressou-se em se trasladar aos saltos para o outro extremo do telhado, onde havia um cano de agua. Dispunha-se a dar a primeira bicada quando a rã se pôz a rir.

— E agora? De que te ris? exclamou o corvo.

— Ora! De uma coisa sem importancia. Nem vale a pena dizer-lhe, replicou a rã. Riu-me porque acabo de pensar que neste cano vive o meu tio, muito mais forte e mais feroz do que o meu pae. Ah! sí chegar a saber que alguem me fez, mal, esse alguem morrerá entre suas garras.

O corvo, muito alarmado, achou que o mais seguro era abandonar o telhado. Agarrou a rã com o bico, desceu e postou-se no chão á beira de um lago. Largou a presa e se dispunha a devoral-a quando a rã disse:

— Noto que estás com o bico um pouco cego.

Não queres afial-o um pouco mais antes de me comer? Ahi perto está uma pedra excellente para afial-o.

O corvo achou a idéa boa e deu dois ou tres saltos até aonde estava a pedra e começou a afiar o bico. Mas apenas se afastára, a rã, com um salto desesperado, se precipitou no lago.

Quando o corvo acabou de afiar o bico e voltou para a beira da lado, grande foi a sua surpreza não encontrando a victima. Olhou para um e outro lado e por fim descobriu-a no lago.

— Oh! rã! exclamou. Pensei que te havia perdido. Já estou com o bico bem afiado. Venha para que eu te devore.

— Sinto muito, amigo corvo replicou a rã, mas não posso subir nesta parede tão empinada.

Será preciso que me venhas buscar.

Dito isto, mergulhou até o fundo do lago.

NO meu paiz conheço os burguezes contentes, os estudantes as raparigas dos cafés e as geishas. Sem hesitação, de todos, prefiro as geishas e, ainda, entre estas, as geishas de Kyoto me parecem... muito mais interessantes do que todas as outras.

Entretanto, os "snobs", os nobres dos suburbios de Osaka, que encommendam os chapéos em New York, desprezam as geishas.

"Pobres escravas estupidas, dizem elles, que nunca saberão nem mesmo preparar um "cock-tail!" São os brinquedos ordinarios da burguezia do tempo passado, mas não servem mais para nós, que não nos seduzimos com os seus encantos antiquados!"

Mas, que importa, antes de tudo, a opinião desdenhosa dessa gente, as geishas têm um logar no meu coração...

Era uma noite de primavéra em 1928... Conheci-a em Tokio chamava-se Tchô-Hatchi (Pequena Borboleta), era linda sob os cabellos em casulos côr de nurégarasou (o corvo molhado pela chuva), as pupillas tão escuras quanto os cabellos. O verdadeiro e eterno typo da geisha.

Connecia, nos minimos detalhes, os segredos da sua profissão; cantava com intelligencia coisas do seculo XVIII e todas as canções militares do tempo da guerra russo-japoneza. Com grande surpresa minha, sabia; "Çá, c'est Paris", mas ignorava profundamente o sentido das palavras.

Quando abrimos a fina porta de madeira, uma campainha alegre annuncia a nossa visita...

Tchô-Hatchi recebeu-nos com aquella graça particular que, só as geishas possuem: "Boa tarde, queridos amigos, acabo de chegar do banho publico e daqui a pouco todas as minhas amigas voltarão do passeio".

Sentámos, com as pernas cruzadas, cada um numa almofada de seda. Uma grande lanterna rosa dansava no meio da sala. Uma dezena de shamiseus (guitarra de tres cordas), guarnecia as paredes.

Ao fundo, uma especie de altar, onde se viam objectos bizarros: duas pequenas rapozas porte-bonheur, fetiches de toda especie e mysteriosos amuletos. Em volta de um braseiro uma duzia de pranchetas, cada uma com o nome de uma geisha da casa: Chrysanthemo, Flor de Pecegueiro, Jardim Florido, etc.

Essas pranchetas indicavam o logar das geishas.

Tchô-Hatchi offereceu-nos uma chicara de chá verde deliciosamente perfumado e falou-nos como uma velha amiga: — Como poude ficar tanto tempo em Paris, si é verdade que gosta muito de Tokio? Existem lá mulheres semelhantes a nós?

— Não, querida amiga.

— Os viajantes que chegam da Europa falam-me sempre nas parisienses, que sabem, tão bem, agradar os amigos! As européas acham que nós somos bonitas?

— Lá, querida amiga, conhecem muito pouco as geishas. Os européus imaginam-as prostitutas de baixa classe ou adoraveis dansarinas pouco ariscas. Entretanto, as geishas são altivas, têm orgulho da sua arte, das suas canções, das suas musicas... Tudo isso, os européus, não sabem! Como saber de tão longe, si, no proprio Japão, come-

Sombra das Geishas em flôr...

POR KUNI MATSUO

çam a ignorar e talvez a ser injustos com a arte magnifica e subtil das geishas!

Tchô-Hatchi pousou, um instante, em mim o olhar candido e continuou:

— E' verdade que, hoje em dia, muitos visitantes nos vêm ver apenas para divertimento. Em vez de ouvirem a nossa velha canção, "O vento do Outomno", pedem-nos coisas vulgares, e no entanto, não creio que as raparigas dos cafés possam substituir as geishas. O Japão japonez viverá apesar do film americano e da sua perigosa lição quotidiana.

Algumas geishas alegres entraram na sala e me saudaram com um sorriso. Duas muito jovens, duas noviças, ás quaes dão o nome de hagyokou, tiraram o instrumentos musicaes das paredes e principiaram os exercicios diarios.

A vida das geishas e as suas horas duras... Essas bellas cortezãs, têm que se curvar ás leis da Casa: depois da licção de canto, a licção de dansa, depois a licção de musica e novamente a dansa ao ar livre, tanto no verão como no inverno.

No Japão hoje, onde as tentações perfidas assaltam as raparigas mais sensatas, é preciso ter a vocação para se fazer geisha! Tchô-Hatchi, que parecia escutar a musica religiosamente, subito, recomeçou a palestra:

— Acho que aqui, em Tokio, cidade cosmopolita, a decadencia installou-se nos costumes, mas temos Kyoto, a velha e conservadora cidade, não se esqueça!...

As geishas de Kyoto são os thesouros do Japão assim como os sabios dos Samourais.

Kyoto é a unica cidade onde os salgueiros e as cerejeiras são venerados como devem. Onde se assiste á uma dansa como a "Dansa da Primavera" que se realiza em Osaka? E' uma especie de concurso de arte entre todas as grandes geishas. A belleza physica não é coisa muito importante na competição. E' a melhor tocadora de shamiseu que proclamam rainha da cidade.

Não se premeia a elegancia de uma perna, como em New York. Premeia-se o calor de uma voz, o encanto de uma dansa.

— Então, as geishas bonitas não levam vantagem, no concurso, sobre as feias?

— Oh! o senhor tambem tem a instinctiva tendencia de nos considerar amaveis brinquedos, e nada mais. Um proverbio que, todas nós, sabemos, diz: "Gulodice vale mais do que a flor da cerejeira"; e isto quer dizer que uma geisha que attinge a popularidade com a sua arte, e sómente com a sua arte, vale mais, muito mais do que aquella outra, mil vezes mais bonita.

Conheço, em Kyoto, muitas geishas feias que se orgulham de possuir um numero consideravel de admiradores.

A campainha do telephone interrompeu o discurso de Tchô-Hatchi. Era um convite para a linda Jardim Florido. "Quem póde ser que me convida ainda hoje, resmungou a pequena geisha! Estou tão cansada!"

Mas como boa dona de casa, Tchô-Hatchi não deixou a pensionista se queixar: "Uma verdadeira geisha, não conhece a fadiga. Aliás talvez seja o teu estudante".

Jardim Florido corou imperceptivelmente e foi-se occultar atraz de um biombo para aperfeiçoar a toilette. O canto nostalgico de um vendedor de ameixas que passava na rua subiu até nós.

A lanterna côr de rosa balançava docemente na ponta do fio.

São corajosas as nossas geishas que lutam contra o jazz e o espirito americano; o jazz que mata os rythmos suaves dos romanticos shamiseus, o americanismo sem mysterio á porta das casas de geishas...

De novo, o telephone, tocou. Dessa vez convidavam Tchô-Hatchi.

ERAM o terror do bairro de S. João, aquelles tres homens. Tres que valiam por um cento. Nunca a policia pudéra deitar-lhes a mão. Apanhal-os em flagrante. Servicinho limpo. Feito com luvas de pellica, nem impressões digitaes deixava.

Era em vão que o Delegado se extenuava em buscas, acareações, vigilancias disfarçadas. Os "sherloks" da policia nunca conseguiram algo contra o Parahyba, o Manecão e o Nordeste, os reis da gatunagem suburbana.

Não poucas vezes figuraram na "Chronica Policial" dos jornaes. Si fossem fazer a conta das 24 horas que ficaram presos, para averiguações...

O Nordeste era "chefão" da turma. Elaborava os planos, distribuia a tarefa, exercia a vigilancia nas proximidades do local escolhido. Era elle quem distribuia os proventosos lucros. Sempre em partes iguaes. Que todos corriam o mesmo risco.

Sempre no trinque. Roupas do Renner, sapatos lustrados, a inseparavel camisa de tricolina. Quasi bonito. Nascera na Vaccaria. Terra de gente boa, dizia elle quando "argumentava" p'ra cima do Delegado.

O Parahyba não nascera na Parahyba. Nem elle sabia onde o fôra. Molequeára no Recife. Viera escondido num cargueiro da Costeira, experimentar a sorte no Sul. Vendera jornaes. A profissão não era rendosa e mudou de vida.

Si o Lombroso agarrasse o Manecão teria um optimo specimen para exemplificar suas theorias sobre o homem delinquente.

Olhos pequenos e vivos. Supracilios negros e espessos. Fronte pequena. Cara de rato esperto. Era as "mãos" do bando. Mãos de ouro, tanto ouro davam.

* * *

FOUJITA por MENDEZ

A campanha presidencial apaixonou todo o mundo. Os tres homens maus não escaparam á intoxicação getulista. Que eram patriotas, elles! Além de tudo, o Getulio era de Vaccaria, affirmava o Nordeste. Debalde quizeram convencel-o de que se enganava. Que o homem era de São Borja.

— Qual nada, pessoal, gente boa assim só de Vaccaria!

O Parahyba enthusiasmou-se por João Pessoa:

— Êta nortista de fibra. Bem mostra que é da familia do tio Pita.

Embrulhava-se, contradizia-se, querendo provar que nascera num engenho, em pleno sertão da Parahyba.

Os outros mexiam com elle:

— Cadê a certidão, seu Parahyba?

Só o Manecão permanecia calmo, naquelle delirio dos camaradas. Preoccupado sempre com os negocios do bando que iam de mal a peior. A policia augmentára de precauções. No centro quasi nada era possivel fazer com o diabo da guarda nocturna.

— Estamos sendo logrados — declarou um dia, gravemente, aos companheiros. Precisamos tomar providencias ou mudar de terra, que isto é profissão que não dá mais nada.

* * *

A tensão patriotica augmentou após as eleições. O esbulho aferventou o sangue. Quando os jornaes affixaram a noticia do assassinato de João Pessoa, houve gente que chorou como criança em frente aos "placards."

O Parahyba teve um accesso de furor e quiz embarcar para o norte esmagar a canalha. O Manecão concordou encarando o aspecto lucrativo da excursão. O Nordeste, entretanto, se oppoz, energico:

— Não, pessoal. Ninguem vae, que aqui vae sahir coisa grossa.

De facto. Começaram os murmurios. Sahe. Não sahe. A palavra inflammada dos oradores dizia que rebentava. Que era preciso lavar a affronta.

A coisa foi preparada, mas falhou. Principiou-se de novo a trabalhar. Amadureceu. Estalou.

3 de Outubro! 5 horas! E a liberdade começou a metralhar a tyrannia. Em todos os cantos, na cidade, ouvia-se o pipocar lugubre das metralhadoras, o pá-pá-pá espaçado dos fuzis.

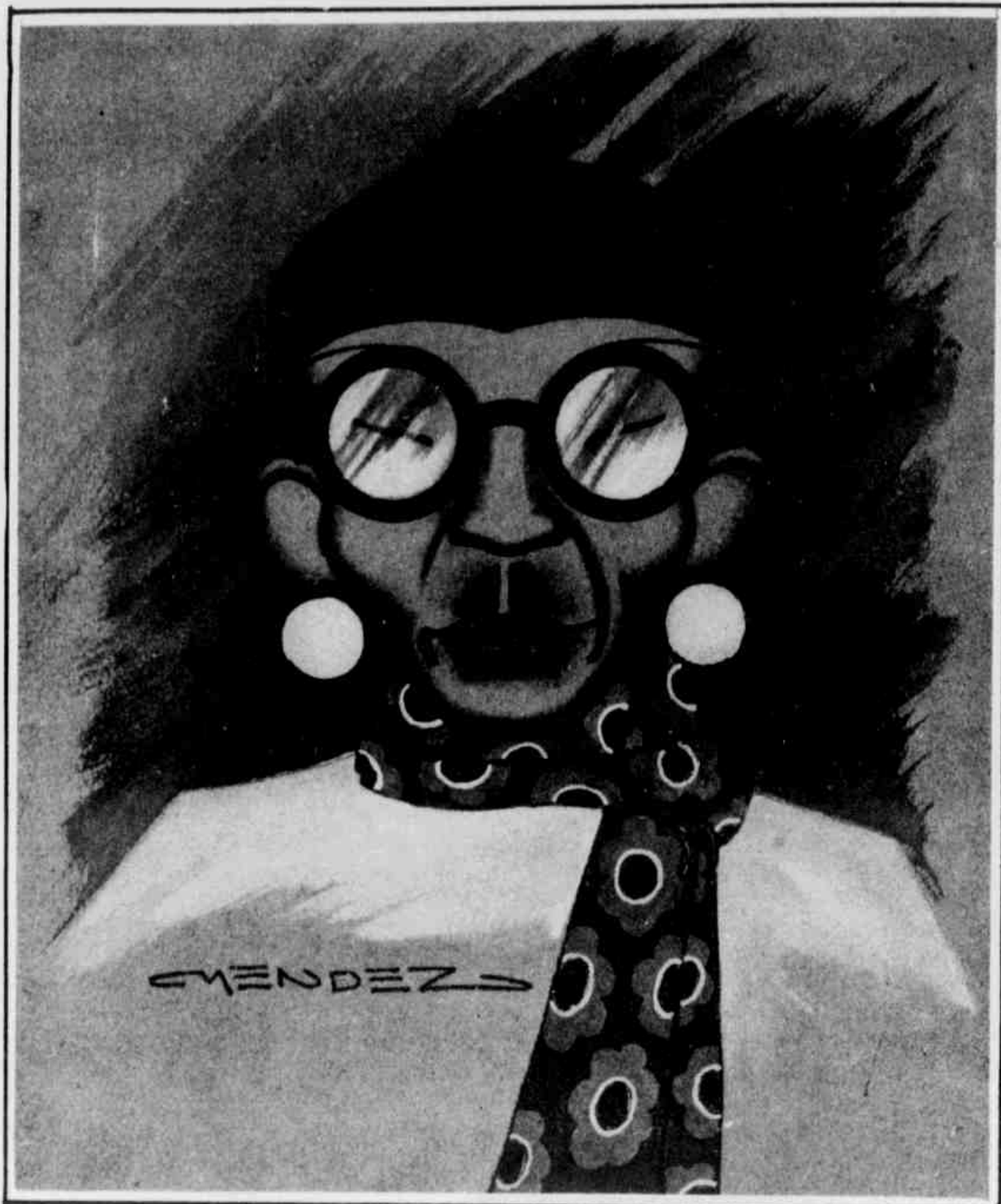
Os anceios do povo tornavam-se realidade. Apagavam-se com sangue as manchas deixadas pelo captiveiro.

A cidade tornara-se um grande campo de batalha. Aqui, a lucta individual. Alli, generalizada.

E, pela noite a dentro, continuavam os fuzis a latir, a latir...

* * *

O Parahyba, o Manecão e o Nordeste armaram-se na Carta Geral. Sahiram Campo da Redempção afóra. Luctava-se em frente ao 7.° Para os lados da Companhia de Estabelecimento o fogo recrudescia. Violento. Sem interrupção.

Chegando ao Avenida, tomaram a rua Venancio Ayres. Dobraram a Sant'Anna. E entraram no meio da batalha. Narinas abertas. Bufando do cansaço da corrida.

As metralhadoras palravam sem cessar. As balas cortavam fios da illuminação. Enchiam de cicatrizes os muros das casas vizinhas. Atraz dos fardos de alfafa a soldadesca legalista, impulsionada por gritos de officiaes, resistia. Corria sangue. O Parahyba, o Manecão e o Nordeste tomaram posição. Abrigaram-se. As metralhadoras continuavam ceifando vidas.

O primeiro que cahiu foi o Manecão. Uma bala apanhou-o em pleno peito. Mal teve tempo de despedir-se. Para uma viagem da qual nunca se volta...

Não tardou que o Nordeste lhe fosse fazer companhia. Uma bala poz-lhe a massa encephalica de fóra. E ficou todo encolhido, ao canto da rua, como que adormecido, sem soltar um ai.

O terreno continuava disputado. Palmo a palmo. A' custa de sangue.

Na avançada, ao procurar abrigo num portal, o Parahyba, alvejado, cahiu de joelhos. E a metralhadora transformou-lhe o corpo em peneira. Crivou-o de balas.

Ficou de bruços, os cabellos espalhados como uma aureola negra ao redor da cabeça, empapado de sangue, os olhos vidrados olhando para longe, para muito longe...

Tres homens maus...

ENTRE OS LIVROS

Os Cinco

"O PAIZ DO CARNAVAL" — Certamente que não se precisa fazer a apresentação. Todos já sabem. "O paiz do Carnaval" é o Brasil. E é, tambem, um romance magnifico em que o Sr. Jorge Amado faz viver um punhado de vidas inquietas, jogadas no mundo e attribuladas por um grave defeito: a intelligencia.

Sim, porque o romance gira em torno da nova geração. E a nova geração viveria melhor se não tivesse intelligencia e fosse incapaz de qualquer trabalho mental. Então, nada a perturbava. Nem o mundo de problemas que tem pra resolver, nem a intrincada desordem que difficulta a sua marcha.

Não sou dos que descrêm desta gente nova. Aliás, não nasci pra descrença nem pro desanimo. A vida é muito curta pra que a duvida tenha o seu lugar...

E' verdade que a geração ultima (e eu faço parte della) chegou num momento terrivel de busca e de procura. Somos um cadinho de experiencias. Ensaiamos todas as theorias. Mas virá a libertação. O trabalho multiplicado e a actividade intensa sempre permittiram o esforço creador...

Os personagens do Sr. Jorge Amado passam, no seu livro, procurando angustiosamente um sentido da vida moderna. Uma "finalidade". São uns insatisfeitos, porque nascidos agora. Mas, infelizmente, não poderam tirar da propria insatisfação motivos capazes de amenizar a vida. Delles, o unico que termina feliz é Jeronymo Soares, bom e burro...

"O paiz do Carnaval" pergunta pra onde vae a geração de hoje. Romance de these? O facto é que é um bello romance. E agil, movimentado, novo. Romance que focaliza, atravez as palestras daquelle "bar" vagamente parecido com o "Club Talvez", a physionomia do Brasil. Retrato feito sem intenção. Porisso mesmo sincero: — "Que povo! Faz outro dia uma revolução e mezes depois quer combater essa mesma revolução! Que Carnaval!" Não é uma grande e triste verdade?

Pequeninas phrases resumem a terra. Breves falhas e vigorosas qualidades de observação, de critica, de pensamento, resumem o auctor. Além disso, o Sr. Jorge Amado é um brasileiro que não compõe hymnos á natureza, nem fabrica descripções bôbas. Só a paysagem humana o interessa. E a paysagem humana de nosso tempo é a mesma, em qualquer parte. Dispensa o céu de purissimo anil e outros logares communs da poezia. "O paiz do Carnaval" não é poezia. E' um livro serio, que focaliza o momento incommodo, que estamos vivendo.

DANTE COSTA

"INGENUIDADE" — E' o livro de estréa de um poeta magnifico: *Emilio Moura*.

Sua poezia, modernissima e simples, é toda feita de subtileza.

Livro sincero, cheio dessa sinceridade encantadora porque vinda de fontes puras e calmas, "Ingenuidade" deixa no espirito de quem o lê uma impressão bôa de intimidade, de interior.

Aliás, essa poetica é bem a da nossa época inquieta e desordenada, tão inquieta e tão desordenada que a poezia não póde fixal-a e tem de se refugiar no panorama interior de cada um. Paradoxalmente, da inquietação collectiva nasce a calma e a serenidade dos "intimistas".

Emilio Moura, com "Ingenuidade", firma seu nome na paysagem litteraria do Brasil que vale a pena.

E' uma alegria fazer essa constatação. — D. C.

O Sr. *D. Martins de Oliveira*, escreveu "*No Paiz das Carnaúbas*", livro de contos regionaes bem urdidos. O jovem escriptor demonstra qualidades apreciaveis de observação e de estudo.

Falta-lhe, no emtanto, certa leveza na phrase, o que não chega a desmerecer quem escreve assim, referindo-se a remadores do sertão: "Eram doze atlétas de bronze, musculosos, vultos que Homero não sonhou eguaes na bravura inconsciente nem na força inquebrantavel nem na tolerancia do martirio, exhibindo os enormes calos negros do peito, já insensivel ás pontas da zinga, que por dias inteiros de mezes inteiros, na luta contra a correnteza, trituram aquellas carnes, untadas de cebo quente emquanto doridas e que se tornaram, por fim, em verdadeiras pedras, como effeito da funcção, que lhes preparou a defeza natural".

Mas o Sr. D. Martins de Oliveira modestamente esclarece no prefacio de seu livro: "Tive intenção de fixar, aqui, aspectos do meio", etc., etc... D.

"NO PAIZ DAS CARNAÚBAS" — Quando eu li pela primeira vez "Os Sertões", resolvi que o assumpto estava exgottado. Li o livro magistral tres vezes seguidas. E tudo no mesmo genero, pareceu-me, por muito tempo, mesquinho, secundario, inutil, sem importancia...

Hoje, certamente o meu criterio mudou. Ainda que ache a obra de Euclydes, juntamente com alguns dos livros de Machado de Assis, a expressão maxima da literatura brasileira, fiquei mais tolerante e mesmo achei um certo sabor em conhecer, ás vezes, um Brasil tão meu desconhecido, esse Brasil sertanejo e meio fabuloso, que eu, pobre cidadão nascido, creado e vivido no Rio de Janeiro, nem sei mesmo se existe, palavra!...

O livro de D. Martins de Oliveira, que é o primeiro de uma annunciada trilogia sobre a vida no Rio São Francisco, é um dos mais interessantes que a nossa literatura regional tem produzido.

Martins de Oliveira é um escriptor brilhante. Sua prosa é vigorosa, diz bem o que quer dizer, com precisão e com elegancia, ainda que sem audacias de originalidade e ineditismo.

Os contos prendem pelo enredo e pela narrativa.

O sertanejo brasileiro!...

Elle é bem esse meu amigo e jovem confrade, leal, franco, valente, sincero, bom, ingenuo, conservando sempre em suas attitudes uma linha de impeccavel coherencia, que nós, os homens da cidade, mais ou menos sem vergonha, nem sempre podemos guardar...

L. M.

Dr. Lindolfo Gomes, da Academia Mineira de Letras e do Instituto Historico de Minas.

"CABOCLA" — A pobreza de idéas da literatura brasileira torna sufficiente um pouco de grammatica, e relativa fluencia de estylo, para que desde logo se forme, em torno de determinado livro, uma opinião irrestrictamente favoravel.

Discordar dessa opinião é assumir attitude impolitica, negativista e demolidora.

Mas é preciso deixar de ser assim.

Devemos ter a coragem honesta de affirmar qual o livro de merito verdadeiro, e qual o apenas agradavel de ler-se.

Nesta segunda cathegoria eu incluo "*Cabocla*", do Snr. Ribeiro Couto, a respeito do qual ouvi as mais elogiosas referencias, e de pessoas que têm a necessaria autoridade intellectual para restringir as suas opiniões.

"Cabocla" é bem um desses romances, a que me refiro, que se lê até o fim com inteiro agrado.

O seu enredo, entretanto, é pobre de scenarios e pobre de psychologia.

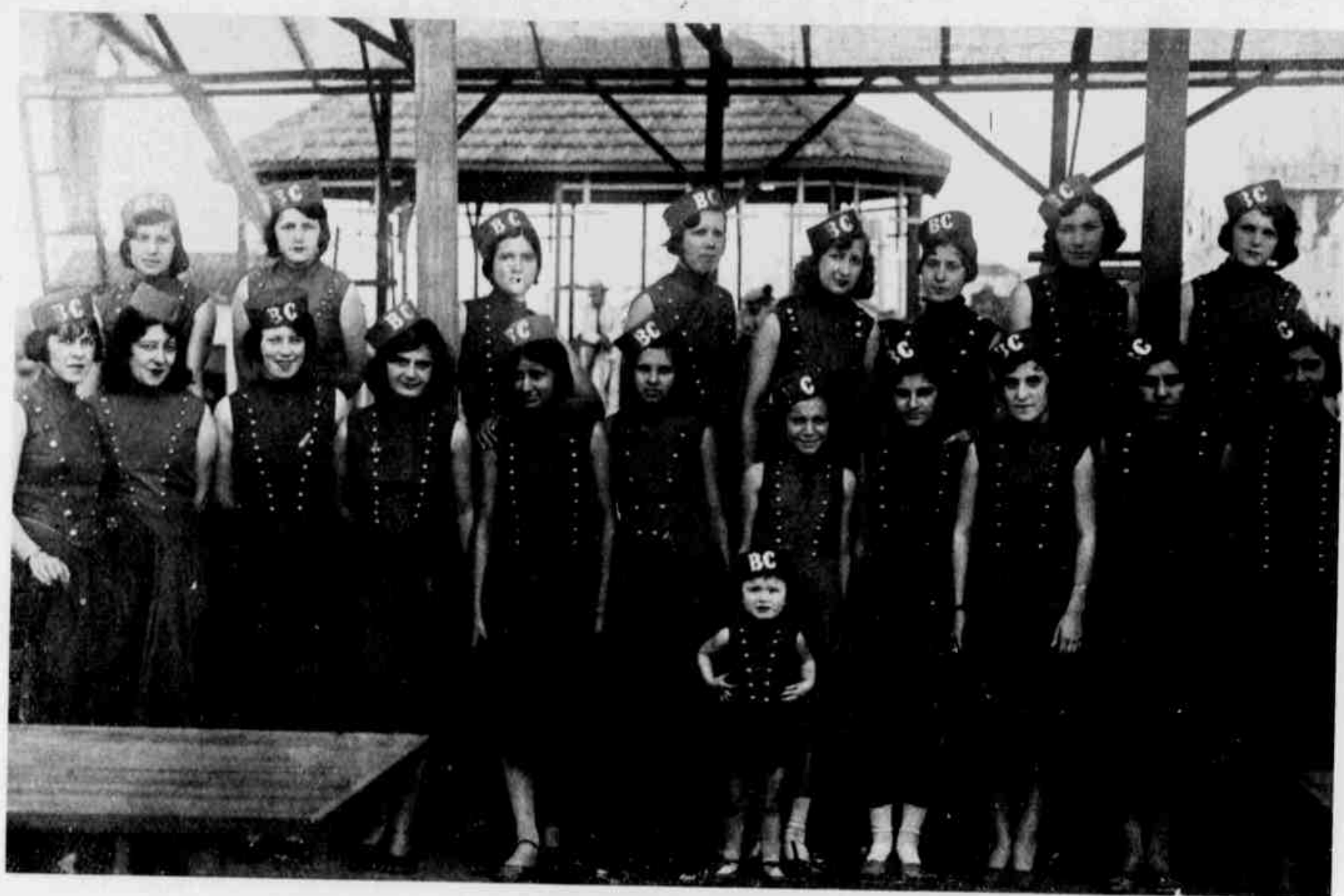
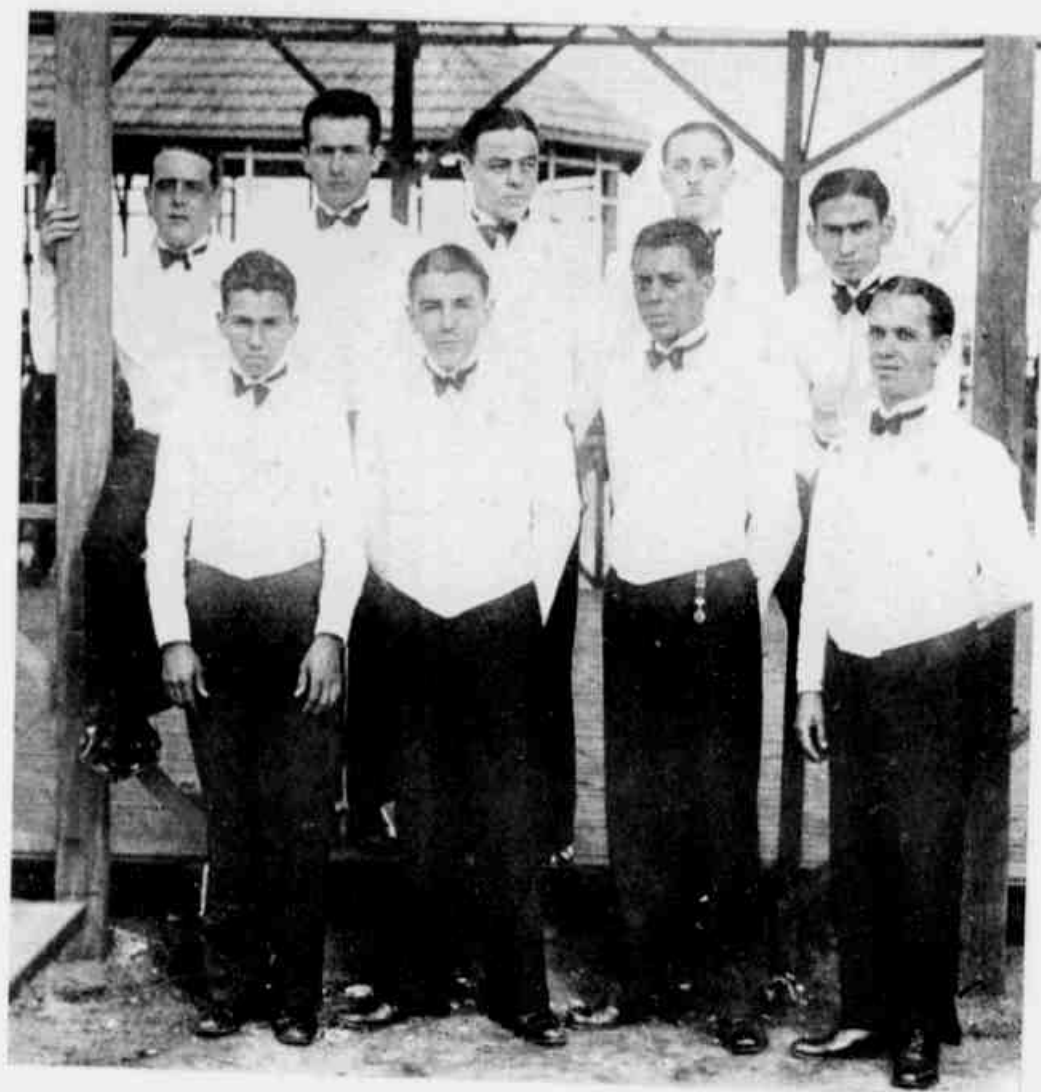
Não tem um só capitulo capaz de fazer o leitor vibrar a uma nova emoção de belleza, nem uma idéa que o convide á meditação.

A roça pintada de Marselha pelo Snr. Ribeiro Couto é uma téla de contornos indefinidos, esfumados pela grande distancia... E as almas que descreve não são menos incolores, como se o autor, em tão longo contacto com a complicada psychologia das grandes cidades francezas, tivesse querido confrontal-as com um meio sem psychologia nenhuma!

Não obstante isso, e como que reaffirmando a verdade que se diz existir no fundo de todo paradoxo, "*Cabocla*" é um livro que merece ser lido e que, se não augmenta, tambem não diminue o festejado nome do Snr. Ribeiro Couto, cujo longo silencio já vinha fazendo saudade nos seus admiradores.

O. J.

Estado de São Paulo

"Presidente Prudente "

Senhoritas da Sociedade de Presidente Prudente que tomaram parte na kermesse em pról da construcção da Santa Casa, na Barraca Banco Commercial. A' direita, funccionarios do Banco que muito trabalharam na kermesse.

A' esquerda, no alto: a Santa Casa em construcção. Em baixo, vista parcial da linda cidade do interior paulista.

Na cidade

Martim Luz

A velha tradicção de que é preciso passar alegre de 31 de Dezembro para 1º de Janeiro, para se passar o anno todo contente, não sei se foi bem observada desta vez por muita gente.

Devia ser... Nós temos o habito de ver os negocios alheios pelos nossos...

E este começo de scepticismo, que eu me apresso logo em desfazer, veiu apenas de uma vaga neurasthenia, sem causa nem pretexto, que me fez passar um "reveillon" melancholico e solitario.

A culpa?... Mas é tão complicado verificar as culpas da nossa sensibilidade...

Talvez por prazer.

Vae-se tornando difficil o prazer de se poder, ás vezes, por originalidade, ostentar uma tristeza differente das outras.

Uma tristeza nova.

Mesmo porque eu creio nas lendas.

Foi uma coisa que a vida não conseguiu me roubar, a crença ingenua e sem raciocinio.

E acho que quem passa triste de 31 de Dezembro para 1º de Janeiro, é capaz de passar triste o anno inteiro.

E assim tudo mais.

Por exemplo: minha tristeza poderia ter vindo da melancholica certeza de que uma creatura de romance, absurda e loura, que eu conheci de ver enfeitando as tardes de um sabor de romantismo, e que passou morta o "reveillon" festivo, vae passar assim todos os outros dias de 1º de Janeiro a 31 de Dezembro...

✣ ✣ ✣

René Doumic escreveu no prefacio do seu livro "Le Theatre Noveau": "On a coutume d'incriminer le public, de qui les auteurs sont bien obligés, nous dit-on, de suivre le goût. Excuse trop commode! Le public n'a jamais imposé aucune forme d'art: il prend ce qu'on lui donne. Il est docile: il a besoin d'être guidé."

Toda a razão tinha o critico francez. Entretanto, é esta a tola desculpa de todo empresario fallido, que em nosso inqualificavel theatro, lança mão das mais escandalosas borracheiras para a scena.

O panorama theatral do Rio, no momento, é melancholico.

E o unico theatro que poderia apresentar qualquer coisa que se parecesse com theatro, tem feito succeder, em scena, umas comediazinhas que nem mesmo teriam successo em Madureira ou Engenho de Dentro...

Se o "Theatro de Brinquedo" se reorganizasse!... Queira Deus!...

✣ ✣ ✣

Joubert de Carvalho, o autor victorioso e inconfundivel de "Tá i", de "De papo pro ar" e de outras musicas de successo, e s t á compondo o rythmo de uma canção d'aqui, com versos que eu escrevi.

O titulo: "O indio do Corcovado". O assumpto: o indio que "Para todos..." descobriu sensacionalmente, esculpido pela Natureza na pedra da montanha do Christo Redemptor.

✣ ✣ ✣

Na cidade: todo mundo.

Nestes dias de festas, o Rio inteiro vem para a rua enfeitar as tardes de sol.

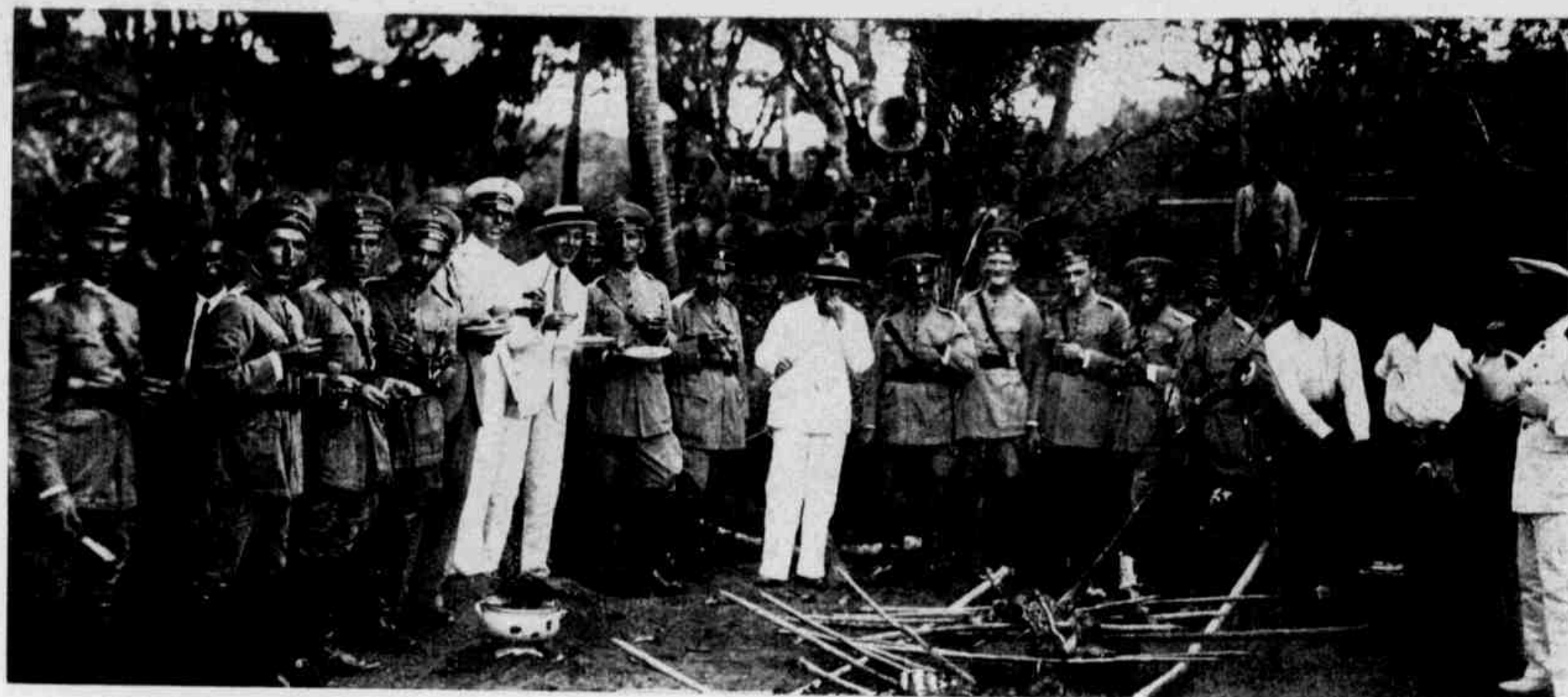
Em frente ás vitrines bonitas da cidade.

As portas cheias de gente da Sapataria Bastos Filho & Cia., á Rua Uruguayana, 29 e 31, gente elegante compra os sapatos onde Papae Noel vae botar festas...

E a cidade está cheiissima.

Então, o Rio de Janeiro, que se resente de falta de população, é, de facto, a mais linda cidade do mundo...

Dois quadros de Bruno Lechowski que não tem titulo como todos os quadros desse extranho pintor.

O retrato do artista polonez, que expõe no Studio Nicolas.

EM PERNAMBUCO

O major Alberto Duarte de Mendonça, commandante do 22° B. C. e a officialidade dessa unidade, aquartelada na Parahyba e que cooperou na suffocação da recente rebellião de Recife, promoveram ha dias em Beberibe, na capital pernambucana, um churrasco em homenagem ao Interventor Lima Cavalcanti, que se vê na gravura rodeado dos promotores da festa, dos seus auxiliares, do coronel Joaquim Antonio Pereira, commandante da Região, officiaes do "tender" "Belmonte", capitão Nelson Mello, Secretario da Segurança, coronel Mamede, commandante da Força Publica, coronel Aristoteles Souza Dantas, commandante da Força Publica da Parahyba, representando o interventor Navarro, outras autoridades e jornalistas.

HUMAYTA' ATHLETICO CLUB DE MARINHEIROS NACIONAES

O Dr. Herbert Moses, presidente da Associação de Imprensa, que paranymphou a festa da bandeira do Club.

Waldemar Marques, proprietario do "Foto-Waldemar" — Madureira.

Viajando na Russia Vermelha

(FIM)

A lei sovietica não estabelece nenhuma differença entre os filhos de matrimonios legaes, quer dizer registrados, e os não registrados. A lei estipula apenas a manutenção dos filhos correspondida por partes iguaes a ambos os conjuges, ou então, quando a situação material do pae e da mãe fôr diversa, ambos contribuam de maneira proporcional. Negar-se a alimentar um filho ou abandonal-o é um crime que a lei sovietica castiga com uma severidade exemplar. Tambem é um crime a polygamia. Quando um homem e uma mulher resolvem unir-se, pódem registrar no escriptorio correspondente á sua união, si não querem se dar ao trabalho de registral-a é a mesma cousa, porque ninguem os interrogará. Estão casados. Dessa fórma o casamento deixa de ser uma imposição ao homem e á mulher, baseado na hypocrisia, e se converte numa união livre entre dois seres que se amaam e se estimam, de modo que, quando desapparecem esses sentimentos o casamento perde a sua essencia; e se a lei impuzesse a manutenção do mesmo, o converteria numa carga para toda a familia e os filhos seriam os mais prejudicados, testemunhas innocentes de brigas e discussões entre os paes. Basta, pois apenas a vontade de unir-se para estar casado na Russia, como basta a vontade de seperar-se para que o divorcio se realize immediatamente. Em caso de separação, se não se trata de um casamento registrado, basta que um dos conjuges resolva não continuar vivendo em commum.

E se fôr um casamento registrado, é sufficiente o aviso de um dos dois ao escriptorio correspondente para que a união fique legalmente desfeita; é preciso não esquecer que sempre, em caso de ser uma união com filhos, ha a obrigação de continuar a matel-os.

Tempo necessario para requerer o divorcio: o que fazem esperar no escriptorio para anotar a declaração. Gastos: as passagens de bonde. Um amigo de Ibanez andava um dia, ás dez da manhã, procurando desesperado a mulher para dizer-lhe, por simples cortesia, que ás nove se divorciára della e que ás onze ia se casar com outra.

Com uma lei como essa, deve-se suppor que todos os casaes da Russia são felizes, e se não são, só elles têm culpa. Não ha solteironas, porque era preciso ser muito desgraçada para não haver conseguido ao menos um casamento de uma semana em toda a vida...

Todas as moças que conheci na Russia eram ou haviam sido casadas. Creio que em geral começam a casar muito jovens. Basta que encontrem o verdadeiro amor.

As mulheres respeitam muito os homens e se respeitam a si mesmos e ambos respeitam profundamente os seus proprios sentimentos. Existe uma grande consideração mutua, e a liberdade das uniões fortalece e mantem o carinho: "Eu não amava o meu marido — dizia-me uma artista amiga—e me separei delle com grande tristeza, porque elle me queria e era um homem admiravel sob muitos aspectos. Mas eu não podia conviver com um homem que não amava e não podia fazer por consideração a elle e por respeito a mim mesma".

— E não creio que se ouçam a meudo, cousas como essa nos paizes das mulheres domesticadas — disse Sonia Petrovna.

A revolução aboliu, como se sabe, a propriedade privada passando-a para o Estado. Nas cidades a partilha da habitação corresponde á situação local, e é concedida de accordo com aquelle ao qual se destina, e o preço varia segundo o salario do benefiado. A habitação deixou de ser um problema na Russia, desde que, o que poderiamos chamar aluguel está em equilibrio com as possibilidades do inquilino. De maneira que succede o seguinte: duas pessoas pódem desfructar de identicas habitações quanto a commodidade e tamanho. Se uma dessas pessoas ganha cem rublos, pagará dez mais ou menos de aluguel. Se a outra pessoa ganha duzentos rublos, pagará vinte e se ganha cincoenta, então pagará cinco, ou dois, ou um se tem muitas responsabilidades de familia ou de outra indole justificada.

Para comprar qualquer cousa nas lojas de Moscou é necessario primeiro ver o preço do artigo, (que são sempre os mais baixos possivel) ir á caixa, pagar a importancia, em troca da qual se recebe um vale e com o vale ir ao mostrador e pedir o artigo. Para cada artigo um vale. Primeiro se paga e depois se recebe a cousa comprada.

Como a população de Moscou se duplicou em muito pouco tempo ha actualmente grande escassez de habitações.

Aquelle que consegue uma peça só para si deve se considerar muito feliz. Nas grandes casas de apartamentos, cuja administração e cuidado está a cargo de commissões formadas por inquilinos, vivem ás vezes centenas de pessoas. Nas portas dos apartamentos vêem-se uns cartões indicando o numero de chamadas na campainha correspondente a cada inquilino.

Entre os directores cinematographicos de prestigio está Olga Preobrayeuskaya, uma mulher superior pela intelligencia e pela vida de consagração á arte. Foi actriz de theatro e de cinema. Não é bonita, é já bastante madura e muito sympathia. Faz uma fitas que honrariam o nome dos maiores directores europeus e americanos, quando á audacia e ao vigor.

"A aldeia do peccado" é uma prova disso. Dirigia, quando a conheci, uma fita de cossacos, com o titulo "O tranquillo Don". Essa mulher, justamente prestigiosa, veste-se como uma operaria pobre. Junto della, conheci as suas duas artistas favoritas: Tzezarskaya e Puschkinaya.

Tzezarkaya é cheia de corpo, boa rapariga, de olhos negros, pelle morena, cabellos negros...

Um typo arrogante de camponeza como são os dos papeis da sua especialidade. Cabe-lhe bem a deffinição de Maria Gonta para certos artistas: actriz delegada. Nada mais puro e real como uma camponeza feita pela Tzezazarskaya, Tabarich Puschkinaya é loira, delicada, olhos azues, um typo completamente oposto ao da sua companheira No studium de Preobrayenskaya não ha ambiente muito favoravel ás entrevistas. Pois, aos demais companheiros, ajudantes, electricistas, actores e extras não agrada que os cumprimentos se diriiam apenas á directora e ás duas actrizes.

O camarada Ibanez que me acompanhava chamou a minha attenção.

O motivo é que vae contra a pretenção de obra collectiva. Por isso as tres se mostravam um tanto embaraçadas. A Tzezarskaya gostava que lhe fizessem perguntas mas não se animava a dar um aparte decisivo. O mesmo succedia com a Preobragenskaya e a Puschkinaya. Mas no momento de serem retratadas estalou o colectivismo. Que se retratem com todos, diziam.

Aqui ninguem é mais do que o outro, todos dão o seu esforço... Uni-vos, proletarios de todas as nações, etc., cantava mirando-me, um typo de cara impertinente que servia como extra, mas que, com certeza, abrigava a esperança de que o communismo o igualasse em meritos á Olga Preobrayenskaya. Uns por esta razão, outros por aquella, agruparam-se uns quarenta na photographia. E por causa desse collectivismo, fiquei sem uma reportagem completa do studium de Olga Preobraynskaya.

Por exemplo:

Si o louco fosse perseverante na sua loucura, encontrava o juizo outra vez... — WILLIAM BLACK.

Existem apenas duas maneiras de falar dos outros; ou dizendo bem, ou dizendo mal. O interesse manda que se diga bem. A verdade quer que se diga mal. — BECQUE.

Ha que tempo que eu sou moço! — JEAN DOLENT.

Um perfume na sombra tem uma vóz de apparição . . . — ANTONIO PATRICIO.

A vingança não é um sentimento christão mas é nobre. Deixemos aos torpes o esquecimento das injurias. Aliás, só esquecemos as injurias quando não podemos fazer o mesmo. — MARIA BAHKIRTSEFF.

E' preciso muita sinceridade na dôr para que ella não termine secretamente feliz por ser um espectaculo. — P. J. TOULET.

:: Os clichés de ::
"Para todos..."
:: são feitos nas ::
officinas de "Vida Nova", pelo gravador
OSCAR
Avenida Gomes Freire, 138 e 140
Telephone: 2-2437

11
1
10
2
9
3
KOHOUT (ADAPT.)

VI
NO
VI
TA
VINHO
DA
VIDA
PODEROSO
TONICO
RESTAURADOR
DAS
FORÇAS